







ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não nos daremos á pena de comentar os successos tristes do trecho da nossa vida nacional, durante o anno de 1905, que acaba de passar aos domínios do Hontem, que é o portico da Historia. Elle terminou, como todos os seus congeneres formadores da immensa série dos seculos, entre as alegrias de Natal e as Esperanças do Anno Bom, o periodo das festas que não comporta expansões da tristeza organica da nossa raça sorumbatica.

O Natal rememora o momento auspicioso da vinda do Messias, quando, pela primeira vez sobre a terra, desabrochou no coração do homem a flôr da alegria, attenuando com o seu perfume divino as amarguras ambientes, promettendo os sabórosos fructos da esperança de regeneração pela nova doutrina do amor, descortinando horizontes novos, illuminando a calligem do mundo pagão e fortificando o espirito para a conquista de sublimes idéaes.

Não é, portanto, opportuno reeditar as tristezas do anno passado, os erros dos homens, os erros dos que teem a responsabilidade do commando, da direcção das coisas publicas, da nossa evolução de povo culto. Corramos, nestes auspiciosos dias, um véo sobre o passado, sobre os equivoscos do Congresso, equivoscos enormes, equivoscos por unanimidade, attenuados pela responsabilidade collectiva do grande numero dos equivocados, fabricantes de leis, em grosso e a retalho, leis boas, deturpadas na execução, leis pessimas, abrogadas pela reacção natural da experiencia, leis de favoritismo que estão esticando em proporções assustadoras o ôdre dos orçamentos, leis inopportunas sem correspondencia com os interesses nacionais, leis de ultima hora vomitadas nos paroxismos da sessão moribunda; corramos o mesmo véo misericordioso

sobre a preguiça dos representantes da nação, dos incapazes, dos irresponsaveis, que uos deram o ridiculo espectáculo de uma desidia de collegiaes vadios, e nos demonstraram a enormidade do perigo social de confiar a imbecis as formidaveis armas do poder; corramos o véo de um indulto generoso sobre as manhas da politicagem, sobre a fallaciosa, sobre a mesquinha politica dos governadores, tisonando com as suas iniquidades as vestes candidas da Republica, conspurcando-lhe as idéas; corramos, finalmente, o véo do pudor sobre os crimes dos satrapas, dos grãos-duques, os donatarios perpetuos, cujos titulos de prepotencia, consagrados pelo pezo bruto da ignorancia e da força, lhes conferem poderes absolutos sobre a vida, sobre a propriedade, sobre os direitos dos cidadãos: olvidemos tudo, deslumbrados pelos fulgores da esperança que desponta com as primeiras auroras do anno de 1906.

* *

«A alegria é uma virtude; a tristeza afflige ao Espirito Santo, expulsa-o da alma, pois o espirito foi dado alegre ao homem. A oração de um homem triste não ascende até Deus» — dizia um pastor dos immorredoiros tempos evangelicos; mas cultivando essa consoladora virtude da alegria, apparelhem-nos com resignação para affrontar heroicamente os encargos que se nos antolham, uma vez que os financeiros republicanos persistem no gravissimo erro de pretender augmentar as rendas publicas com o imponderado augmento de impostos.

E' bein verdade que os homens de governo não teem mais fé na pujança das nossas forças productivas e por isso olvidam a lavoura, bananeira que já deu cacho; é verdade que elles se apavoram com a contingencia de occorrerem ás despezas sempre crescentes em proporções desmesuradas, demandando recursos financeiros im-

mediatos, arrancados do consumidor com immenso sacrificio do seu bem estar, da necessidade de manter forças activas na collaboração do progresso, da grandeza do paiz. Essa desconfiança, alliada á superstição de que o maior imposto produz maior renda, inspirou aquelle funesto contrapezo de 50%, que váe aggravar essa crise surda, asphyxiante, esterilizadora das nossas energias economicas.

Esses financeiros se aventuram ao absurdo de sanarem erros do regimen com os erros do tratamento, como si fôsse possivel curar a fraqueza do burro, augmentando-lhe a carga. Ao contribuinte, enfermo por falta de nutrição, incapacitado de desenvolver a sua função de trabalho fecundo, productivo, porque se lhe difficultam todos os meios de actividade e o fisco se associa ganancioso ao pouco que elle produz, se impõe o augmento de sacrificio e ao mesmo se lhe encarecem todos os elementos de vigor.

Não errará quem affirmar que essa trave dos 50%, justificada pela urgencia de recursos immediatos para satisfazermos os nossos caprichos sumptuarios, organizar uma esquadra-formidavel, construir arsenaes na costa aberta e fortalezas que os protejam, dar incremento aos nossos meios de defeza contra o phantasma de inimigos suggeridos pelo delirio da nossa fraqueza, da nossa incapacidade, e attingir a suspirada hegemonia no continente sul-americano, será um tremendo obstaculo a essas aspirações porque essa renda, que se pretende augmentar de chofre, diminuirá infallivelmente.

E' inevitavel preservar o verdadeiro elemento propulsor da renda, que é o augmento do consumo, dos effeitos funestos do golpe mortal desfechado no consumidor, uma vez que os economistas indigenas não comportam mais o desenvolvimento de produção como fonte essencial de riqueza publica.

É o contribuinte que aperte a barriga, que se console á condição desaperada de consumir todo o fructo do seu trabalho para viver mal, sem poder prover, com um ceitil de poupança, os accidentes do futuro; que soffra o augmento do preço do xarque a pretexto de promover no Rio Grande do Sul o renascimento dessa industria amenisada pela incapacidade dos productores, pela imperfeição dos processos, derrotada numa competencia impossivel; que vista mal; que reduza os trapos dos filhos; que se prive da mór parte dos generos de primeira necessidade a pretexto de cooperar para o desenvolvimento disso que, por um euphemismo tólo, se chama as nossas industrias, os raros agrupamentos de syndicatos exclusivamente protegidos pelos favores da leis excepcionaes.

Esse *onus* insupportavel não opprimirá sómente os que são pobres, será tambem vexatorio para os abastados, para os ricos, que se verão na dura necessidade de se submeterem a pagar por preços prohibitivos o pechisbeque da industria nacional, de que o phosphoro nos dá o mais impressivo, o mais eloquente exemplo, genero de primeira necessidade para o pobre como para o rico elevado a preços exorbitantes pela ganancia de alguns productores nacionaes libertados da competencia do producto estrangeiro, incomparavelmente mais perfeito.

Minas mal produz manteiga para abastecer o consumo do Capital Federal; mas, como o rebanho do sr. João Luiz é obediente e péza na balança politica, é indispensavel dar-lhe mais valor ao leite, muito embóra vá isso prejudicar aquelles para cujos beiços não chega a manteiga mineira e são forçados a lubrificár o pão quotidiano com a margarina importada, uma vez que a manteiga pura não póde penetrar a réde de impostos prohibitivos.

Expulsamos o producto bom e barato para nos resignarmos ao caro, ao pessimo, ao conspurcado pelas imperfeições do fabrico, não falando nas fraudes costumeiras de todo o commercio, opprimido nas suas naturaes tendencias de expansão.

É exigimos que a machina de trabalho assim tratada, submettida á privação do lubrificante, do combustivel, de todos os elementos essenciaes de

conforto, de vigor, produza mais, gaste mais para corresponder patrioticamente aos planos financeiros, contra os quaes clamam os resultados da experiencias e das leis economicas.

É' para lamentar essa cegueira voluntaria á intuitiva lição dos factos. Não aproveita aos homens de governo o doloroso spectaculo dos Estados, definhando á pressão de uma errada e pernicioso politica financeira; não consideramos que o enfraquecimento individual de todos os membros da União tem produzido, necessariamente, fatalmente, o enfraquecimento de todo o organismo nacional e que esse mal assolador, ferindo as fontes da vida, da riqueza commum, não se póde remover sinão atacando-o, vigorosamente, nos funestos mananciaes. É' absurdo cruel pretender regenerar o paiz, tolerando com indiferença criminosa todos os desmandos dessa politica de exclusivismo, de oppressão e pretender remover-lhe os effeitos impondo á victima, — o contribuinte — immoderados sacrificios.

Para responder aos intuitos do Governo, inspirado no dever de promover a prosperidade, a riqueza nacional, o processo seria inteiramente contrario ao que está adoptado por uma veneração injustificavel ás tradições condemnadas pela sciencia e pela experiencia de todos os povos cultos. Não se concebe nação rica e povo pobre; não se concebe esse empenho de encher as arcas do Thezouro á custa das privações, das miserias do contribuinte, porque o povo pobre, o povo opprimido, o povo triste, produz menos do que o povo satisfeito, alegre, feliz, moral e materialmente nutrido de todos os beneficios sociaes, a liberdade, a instrucción, as garantias do trabalho e meza farta.

O processo seria abandonar, definitivamente, as veleidades proteccionistas, abrir os nossos portos aos generos estrangeiros que não podemos produzir, na proporção do consumo indigena; ampliarmos as nossas relações mercantis, que seriam o vehiculo natural da importação de elemento ethnico, de braços para o povoamento do nosso immenso territorio, para o aproveitamento das suas incomparaveis riquezas naturaes, trazendo, além disso, o capital, o propulsor de uma industria que iria nascendo, desen-

volvendo-se vigorosamente na razão mesma do incremento da nossa vitalidade organica.

A deleteria politica, assignalada em traços profundos nos ultimos orçamentos, accuza a persistencia de um erro secular, resistente a todas as indicações monitorias, a todas as lições de uma série de desastres que se figuram, em admiravel nitidez, na misera existencia do Banco da Republica, esse aleijado incuravel, refractario a todas as mesinhas da feitiçaria financeira, desde d. João VI até o nosso ameno Rodrigues Alves.

É nesse andar ficaremos na triste situação que Tocqueville assignalava, em 1832, com estas palavras cruelmente verdadeiras:

«Não ha na Terra regiões mais férteis, nem nações mais miseraveis do que as da America do Sul».

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Entre os assumptos, ácerca dos quaes entendem o sr. Bomfim dissertar a rédeas soltas, dizendo, na 4ª parte de seu livro, as coisas mais arriscadas e aventurosas, figura a formação das populações nacionaes.

Impossivel é ser mais levianamente cruel, o que tanto mais admira, quanto o fim principal do guapo brasileiro — foi vingar a America latina das calumnias dos invejosos europeus...

Bello systema de nos defender, affirmando que não passamos aqui da mais infima canalha que é dado imaginar!

Eis os documentos: «Cada colono, sem freios aos instinctos egoisticos, organizou o seu dominio em feudo (*E' evidente que Bomfim não sabe o que é feudo*). São caricaturas dos senhores medievaes — um feudalismo vilão, sobre uma vassalagem de negros escravos. Nos *intersticios* dos feudos, uma população que, de ignorante e embrutecida, *voltou á condição do selvagem primitivo.*» (Pag. 146).

Ainda mais: «O primeiro effeito desses processos de exploração, desenvolvidos pela metropole, foi preparar uma população heterogenea, instavel, scindida em grupos, possuidos de odios entre si, desde o primeiro momento, formada quasi que de castas distinctas. Nos campos, o colono fazendeiro, arremedo do senhor feudal, constituiu desde logo uma fidalguia territorial, pretenciosa, arrogante,

brutal, ignorante e onnipotente, sobre a camada de escravos, índios e africanos.

Nos *interstícios* (*Gosta tanto desses interstícios...*) dessa malha de feudos, uma população de mestiçagem, productos de índios e negros, negras e refugos de brancos, indígenas e escravos reveis, uma mescla de gentes desmoralizadas pela escravidão ou animadas de rancores, uma população vivendo á margem da civilização, contaminada de todos os seus vícios e defeitos, sem participar de nenhuma de suas vantagens, reduzida ao viver rudimentar das hordas primitivas. Em torno dos senhores territoriaes, o enxame de parasitas. Correntes de aventureiros, caçadores de índios, negociantes de escravos, mercadores de toda a especie, atravessavam continuamente esses povos dos sertões e reconcavos, agitando-os, pervertendo-os, provocando conflictos, mantendo-os num estado de instabilidade e irritação permanentes.» (Pag. 148).

Esta é a monstruosa população dos campos.

Eis aqui a das cidades: « Nas cidades a instabilidade é ainda mais accentuada. Alli se encontravam: as auctoridades, o fisco, a tropa, tudo estrangeiro e hostil á colonia, todos ansiosos de enriquecer e ver chegar o dia de voltar; os *commerciantes*, intermediarios, representantes de privilegios e monopolios, tão ligados, elles, á metropole como os proprios funcionarios, tão hostis á população nativa como os outros, tão instaveis e passageiros como os enviados directos da corôa. Esse mundo de estrangeiros se completa pela onda de aventureiros, sem pouso fixo e sem mistér determinado, ora no sertão, ora na cidade, ora ao mar, ora na metropole, e que rouba, mata, compra, vende, intriga, depreda, parasita, em summa, á mercê do momento. Fóra disto, o resto da cidade é a continuação das fazendas, o logar de recreio do colono, onde elle tem casa, escravaria, quinta... O escravo faz tudo, na cidade, como na roça. O cirandeiro, o mestre-escola, o fogueteiro, o alfaiate, o padre, quasi não merecem que se os nomeiem. A fradaria gorda vive egualmente nas roças e na cidade.. Sobre uns e outros, vive, na cidade, como nos campos, um enxame de *parasitas vis, molles como tenias, nojentos como piochos* (!!!) Em vão se buscará nas chronicas do tempo (*De que tempo?*), menção de outra gente. Só mais tarde (*Quando?*), se vê surgir, transudar de todas essas camadas, uma população nova, producto de todas ellas, *especie de deposito, sedimento de particulas vindas de toda parte*, e que constitúe a verdadeira população nativa das cidades. Nos campos, as gentes não se

fundem, continúam distinctas as tres classes—o senhor, o escravo e a mestiçagem livre (*Si as gentes não se fundem como apparece essa mestiçagem?*!); mas, pelo menos ali, ellas se afeiçãoam á terra, se nacionalizam. Nas cidades, não. A' proporção que se passam os annos, e que váe surgindo *essa população nativa*, á proporção que ella váe engrossando e reclamando o que lhe é de direito, mais estrangeiros, mais hostis e tyrannicos se vão tornando *os representantes das metropoles*, unidos num sentimento unico, funcionarios e intermediarios. Breve (*Este breve está pedindo vaia...*), é a lucta, que não findará mais, entre a classe privilegiada pela tradição, pela patria de origem, solidarizada pelo egoismo *collectivo*, ciosa dos *seus direitos*, garantida pela fortuna, fortalecida pela auctoridade, gosadora indisputada até então, senhora absoluta de toda a riqueza e de todas as posições, é a lucta entre ella e as novas *populações, extenuadas já ao nascerem, miseraveis, desabrigadas de todo o conforto, ignorantes e pobres...*» (Pag. 149 e 150).

O resumo de todas estas duras, asperrimas palavras é que no Brazil, como em todas as colonias latino-americanas, a *população dos campos* se reduzia, durante os primeiros seculos da colonia ou até durante todo o periodo colonial, á classe dos *senhores*, á dos *escravos* e um *rebotalho* informe de *mestiços, brutos, selvagens, miseraveis*; e a das *cidades* á classe dos *funcionarios e representantes do poder*, a dos *negociantes* que o auctor alcuha de *intermediarios representantes de privilegios*, e a do *populacho vil*, extenuado ao nascer, miseravel, falho de todo conforto e ignorante.

Si o sr. Manoel Bomfim se tivesse dado ao cuidado de estudar a historia verdadeira das populações brazileiras, ou a tivesse procurado conhecer, ao menos no presente, para dahi induzir o que teria sido, *mutatis mutandis*, no passado, não seria tão prodigo em grosseiros erros e duros absurdos.

O auctor da *America Latina* entendeu de phantaziar a historia, ao gosto de seu sombrio pessimismo, em vez de a estudar nos documentos e nas chronicas.

Si não tivesse sido inspirado por tão desastrado conselheiro, teria visto que, desde o seculo XVII, avultava no paiz a chamada *nobreza da terra*, os filhos desses senhores de engenho e fazendeiros, chefes de grandes e *opulentas familias*, que fóram os verdadeiros descobridores e colonisadores do interior do continente. Deste numero fóram os famosos *bandeirantes*, troncos de casas riquissimas, donde saíram as melhores classes das populações de S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso. E o que os *bandeirantes*

fizeram para estas regiões, os senhores de engenho e fazendeiros creadores do norte praticaram nas terras septentrionaes brazileiras. E' um absurdo fazer desaparecer, por capricho, esse principal motor do povoamento e da riqueza nacional, só para ter a velleidade de afeiçãoar os factos ás exigencias de uma theoria illusoria. As gentes dos campos não se reduziam aos *mestiços*, brotados dos *interstícios* do nosso Manoel. Havia e ha numerosa população branca, nervo principal da resistencia deste povo como nacionalidade. O mesmo acontecia e acontece nas cidades. Os *funcionarios* e os *negociantes*, nomeadamente estes, fundaram casas, constituíram familias, ajuntaram riquezas, que se transmittiram aos seus filhos, nascidos no paiz. Innumeras fóram as familias ricas, residentes nas cidades, donde saíram muitos dos nossos homens mais distinctos e a quem o paiz mais deve. Que eram os Andradas, os Silvas Lisbôas, os Carneiros de Campos, os Azeredos Coitinhos, os Vieiras Coutos, os Paes Lemes, os Belforts Vieiras e quinientos outros?

Bastante seria compulsar, de leve que fôsse, a obra historica de João Francisco Lisbôa, para a psychologia do *Pedagogium* tomar outro rumo.

A população branca e rica, principalmente nas cidades, chegou ao ponto de pretender e alcançar o privilegio de representação nas camaras municipaes, excluindo os *reindões*, os filhos de Portugal. Francisco Lisbôa trata apenas do Maranhão do seculo XVII; mas o que diz de sua terra se applica ao Brazil inteiro.

« Os habitantes das antigas capitánias do Estado do Maranhão, escreve o principe dos historiadores brazileiros, se dividiam em raças e classes, como ainda hoje (1858). Em primeiro logar, estavam os *moradores*, como então geralmente se chamavam, os quaes eram os *portuguezes* e seus *descendentes brancos* e se dividiam em tres classes, a dos *nobres* ou *cidadãos*; a dos *peões*, ou dos *mercadores, mecanicos, operarios e trabalhadores* de qualquer especie; e a dos *descaídos* pela raça ou pelos crimes, ou *christãos novos* e *degradados*.

Seguiram-se os *índios* naturaes da terra, que se classificavam em *gentio selvagem*; em *índios christãos livres*, administrados em aldeias, ou em serviço dos moradores; e, finalmente, em *índios escravos*. Com estes ultimos se confundiam os *escravos negros* de Angola, Guiné, Cacheu, Mina e Cabo Verde. E da mescla de todas estas raças resultava a dos homens *pardos* ou gente de côr de diversas graduações, que nas referidas capitánias se denominavam *mamelucos, mulatos, caboclos e cafuzes*, segundo se approxi-

mavam ou afastavam mais ou menos dos diversos typos de que eram oriundos; uns livres, outros escravos... A classe predominante dos *nobres* ou *cidadãos* era composta dos primeiros portuguezes que povoaram a terra, depois de haverem-na conquistado aos francezes e indíos, e que por esses titulosse perpetuaram na governança, occupando os principaes cargos civis e militares da republica. A esses primeiros serviços juntaram elles depois o da expulsão dos hollandezes, em attenção ao qual lhes fôram concedidos os privilegios de cidadãos do Porto...

A exclusão dos *peões mercadores* (das companhias da nobreza), que a principio se reportava só á profissão e resultava simplesmente da disposição da lei, tornou-se depois uma competencia entre *antigos nobres* e os que, pelas riquezas adquiridas, se reputavam taes, e aspiravam á egualdade; e por isso só que os mais dos mesmos mercadores eram naturaes do reino, essa competencia degenerou em rivalidade do logar do nascimento e foi a principal origem da guerra civil que rebentou em Pernambuco entre os *nobres* de Olinda e de varias outras povoações da capitania, e os denominados *mascates* do Recife.

A mesma rivalidade existia então no Rio de Janeiro, e já em 1707 os habitantes portuguezes representavam a el-rei d. João V queixando-se dos *filhos da terra* que lhes não consentiam *servissem de vereadores*. Posto que mais tarde, descobrem-se no Maranhão vestígios da mesma rivalidade nas provisões de 1745 e de 1747, que tambem excluíam das camaras os *filhos do reino*.» (*Obras de J. F. LISBÔA*, III, pag. 109.

Claro, evidentissimo é que a vasta população branca, rica, prospera, opulenta, que, desde o segundo seculo da conquista, sente força para prevalecer sobre os proprios seus antepassados, conquistadores reinões, não podia ser esse amontoado amorpho, informe e vil, brotado dos *interstícios* de Manoel Bomfim.

Claro, evidentissimo é que esse imaginador de tetricas ethnographias nada melhor pôde fazer do que pôr no fogo a sua *America Latina* com todas as lazeiras que a deturpam.

Neste ponto de minha critica ao desastrado livro, na analyse dessas medonhas 4.^a e 5.^a partes, não posso fazer mais do que, como alvitrei já, referir, ás carreiras, quatro ou cinco das oitentas theses de que se occupa o auctor.

Já alguma coisa ficou dito da *escravidão* e das *industrias domesticas*, do estado do paiz durante o periodo colonial, das *populações nacionaes*.

E' interessante ouvir o que diz da *lavoura* no Brazil.

Eis aqui o palavreado de Bomfim: «Portugal explorava o Brazil, e, para garantir uma exploração facil e completa, determinou que a colonia fôsse *exclusivamente agricola* (E' falso); assim foi, e a tradição ficou. Um dia, um estadista rhetorico, cujas idéas politicas eram essas mesmas — do Estado colonial — formulou: *O Brazil é uma nação essencialmente agricola*. Foi o bastante, ficou assim consagrada a rotina economica; ninguem teve coragem de tomar esta *inepcia* (E' *inexacto*; o ministro, que estava no bom caminho, tomou uma via geral da *leviandade brazileira*), e mostrar quanto é *idiota* e irracional (*Illude-se!*) o conservar um paiz, qualquer que elle seja, como puramente agricola.» (Pag. 188).

Cacho de disparates é todo este trecho. Mistér é destrinçal-o aos poucos.

E' falso que Portugal tivesse determinado que sua colonia americana fôsse *exclusivamente agricola* e que ella se tivesse de facto a isto condemnado.

Para saber do contrario, bastante é passar a vista no magnifico opusculo de Andreoni — *Cultura e Opulencia do Brazil*, publicado em 1711. Por elle se conhece existirem no paiz, desde os seculos XVI e XVII, além da lavoura, a criação de gados, a pesca, incluída a das baleias, a mineração do ouro e de outros metaes preciosos, a que os historiadores de nota juntam a fabricação de barcos de navegação, além de fabricas de tecidos, cortumes, etc.

O desenvolvimento pastoril, agricola, mineiro, industrial, commercial, da colonia, ía obdecendo ás leis naturaes economicas e ás condições peculiares ás diversas zonas do territorio.

A despeito do peculiar cuidado que tinha a metropole de tirar largos proventos de sua possessão americana, não chegou, nem podia chegar, ao despropósito de pretender inverter a ordem fatal dos factos.

Não é verdade que, systematicamente, e em todos os tempos, tivesse prohibido o surto das industrias fabris no paiz.

Numerosas são as leis que as amparavam e protegiam, além das que cuidavam da agricultura e do commercio.

A epocha de d. José I, por exemplo, foi fertil em amplas e acertadas providencias. «O commercio em geral, ensina Warnhagen, deveu ao reinado de d. José o estabelecimento de uma *aula de commercio*, em Lisbôa, para guarda-livros e praticantes, a criação de um *tribunal*, ou *junta da commercio*, para o animar e proteger, em utili-

dade dos seus *domínios*, tendo as attribuições e privilegios da antiga *Companhia do Commercio*. A instituição, em 1755, da *Companhia do Grão Pará e Maranhão*, com o fundo de um milhão e duzentos mil cruzados, fez surgir essas duas capitancias do definhamento em que jaziam. O algodão e o arroz especialmente prosperaram muito, favorecendo ao *primeiro* a introdução das *machinas nas fabricas*, e ao segundo as guerras dos Estados-Unidos... O commercio do assucar e do tabaco cobrou grande desenvolvimento... O tabaco do Brazil, pelo Reg. de 18 de outubro de 1702, pagava de entrada em Portugal 1600 réis e o do Maranhão 800 réis.

Este favor concedido á agricultura do Maranhão, se fez agóra extensivo ao *anil*, que foi por dez annos isento de todos os direitos de entrada e saída; já então, se exportava dalli o café, cacáu, gengibre, algodão, mais de vinte mil couros, e duas mil oitocentas e quarenta e sete arrobas de arroz... Recebeu egualmente protecção uma *fabrica de cortumes* no Rio; consentiu-se o estabelecimento de uma *fabrica de lonas* na Bahia; já annos antes, em 1750, se ordenou o estabelecimento no Pará de *fabricas de chitas*, trazendo-se para isso tecelões (*Repare, sr. Bomfim!*) da costa de Coromandel... Quanto a providencias favoraveis á navegação do Brazil, bastante é citar a preferéncia dada para a mesma navegação aos *navios fabricados no paiz*, a permissão de se fazer a navegação sem ser em frotas; Alv. de 10 de setembro de 1765». (*Historia Geral do Brazil*, II, pag. 234, 1.^a edição).

Os factos mencionados em Warnhagen estão longe de abranger toda a realidade.

Fabricas de tecidos, officinas de manipular o ouro e os metaes preciosos existiam por quasi todo o Brazil; estaleiros de construcção naval por quasi toda a costa maritima. As artes e os officios medravam por toda a extensão do territorio.

A liberdade de trabalho era geral e estimulada pelo Estado, tanto quanto o permittiam as idéas predominantes no periodo em que o Brazil foi colonia, singular phase historica, que, aberta pelo *Renascimento* e fechada pela *Revolução*, se chama, na historia geral, o periodo do *absolutismo regio*.

Portugal não podia saír fóra da atmospheria social de seu tempo. Pretender o contrario é tecer absurdos.

Mas para se ver quão errado anda o sr. Bomfim, quando phantazia que a metropole tivesse querido curvar todos os brazileiros á *lavoura* e só á *lavoura*, bastante é só que nos lembremos que tal não poderia pretender quem respeitava a *pesca* da costa e do *valle amazonico*, a *criação dos gados*

dos *sertões* pastoris, a *mineração* dos *planaltos* mineiros e goyanos; que tal não poderia pretender quem deixava crear *fabricas* e mandava até contractar *operarios technicos* na Índia, na costa de Coromandel.

O sr. Bomfim ouviu roncar o trovão, mas não sabe onde; por isso, vive a pensar que o governo portuguez levou tres seculos a vedar as fabricas e a chumbar os brazileiros á lavoura.

Não falando de duas ou tres prohibições de officinas de ourives, que, aliás, nunca tiveram execução, foi só pelo alvará de 5 de janeiro de 1785, quasi tres seculos depois da descoberta do paiz e quando elle já era quasi tão desenvolvido como hoje, que se mandaram fechar as fabricas e manufacturas de ouro, prata, seda, algodão, lã e linho, existentes na colonia.

Foi, por ventura, um acto pouco pensado, que, porém, vigorou apenas 23 annos.

E' o manancial onde vão beber todos os declamadores e brunidores de phrases tetricas, que não estudam calmamente a historia.

O alvará, que tanto enthusiasma os pacotilheiros de esconjuros e amadores das reacções posthumas da disciplina americana, não teve nunca execução séria e foi revogado pelo de 1 de abril de 1808, assim concebido: «Desejando promover e adeantar a riqueza nacional, e sendo um dos mananciaes della as manufacturas e a industria, que multiplicam, melhoram e dão mais valor aos generos e productos da agricultura e das artes, dando que fazer a muitos braços, e fornecendo meios de subsistencia a muitos vassallos que, por falta delles, se entregariam aos vicios da ociosidade; e convindo remover todos os obstaculos que pôdem inutilizar e frustrar tão vantajosos proveitos, é o principe regente servido abolir e revogar toda e qualquer prohibição que haja a este respeito no Estado do Brazil e dominios ultramarinos, e ordenar que d'ora em diante seja licito a todos os vassallos, qualquer que seja a parte em que habitem, estabelecer todo genero de manufacturas, sem excepção de uma só, fazendo os seus trabalhos em pequeno ou em grande, como entenderem que mais lhes convém, para cujo effeito fica expressamente revogado o alvará de 5 de janeiro de 1785 e toda a mais legislação em contrario».

A citada legislação se rednzia a muito pouco, — um ou dois actos, nunca cumpridos.

Tenho assim reduzido a nada, a poeira impalpavel, a aleivosia historica de Manoel Bomfim, quando ouza dizer que a metropole forçou os bra-

zileiros, d'alto a baixo, a ser agricultores.

Isto, porém, não basta; preciso é mostrar que, ainda quando a realeza o tivesse pretendido, teria feito muito bem, teria mostrado um alto discernimento economico politico, teria se antecipado aos modernissimos pensadores e reformistas que todos, a uma, proclamam o erradissimo caminho tomado pelo louco industrialismo moderno, que váe, pelo absurdo de sua hyperprodução, chegando a cavar a propria ruina. Todos prégam a *volta á terra*, a *volta á lavoura* como a solução da dolorosissima situação moderna. A *Escola da Sciencia Social* arvorou este programma, e os proprios grandes *socialistas*, como Jules Méline, o aceitam e defendem com calor. Tal é o assumpto do bello e incisivo livro deste ultimo, intitulado — *Le Retour á la Terre*, que deveria ser lido, relido e decorado por Manoel e seus companheiros de *magicas bysantinas* nas celebres conferencias, que serviram bem para photographar, ao vivo, o estado deploravel da cultura brazileira nos começos do seculo XX: *vacuidade, declamação, hysteria do pensamento e da phrase, poeira e nada...*

Estudem, meditem livros dessa natureza, que os habilitem a atirar pela janella todos os pannos pintados, fitas réles e rendas sujas que lhes andam a empanar as idéas numa especie de ronda adoidada de bailhadeiras doentes.

Méline se refere aos paizes atacados da febre da grande, da enorme, da colossal produção manufactureira: Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, França, Belgica, Anstria, Italia, e lhes aponta a salvação *no retornor á la terre*, isto é, incita-os á volta á industria das industrias, á agricultura, reduzindo fortemente a furia manufactureira e fabril, que tem viciado toda a vida economica dos ultimos cincoenta annos. E', *mutatis mutandis*, o pensamento do governo portuguez no alvará de 1785...

E si assim se pôde falar hoje em dia entre gente que tem de que viver, que trabalha, que prodúz, que tem dinheiro, que possuiu capitães accumulados em sommas fabulosas, que não se ha de dizer no Brazil, entre treze ou quatorze milhões de pobres, entre os quaes os mais felizes vivem dos *empregos publicos*, federaes, estadoaes e municipaes, ou arrolados no *exercito* e nos corpos de *policia*? Que se ha de dizer duma gente, que, possuindo as mais fertes terras da America, vive sangrada num avultadissimo *deficit de subsisteucias*, na linguagem dos economistas, *deficit superior a 60 mil contos*, no paiz inteiro, pois que, de norte a sul, se compra do estrangeiro — trigo, carne, milho, fei-

jão, arroz, queijo, manteiga, vinho, e uma duzia de outras coisas que todas poderiam ser produzidas em nosso proprio sólo?

A nefasta propaganda dos Bomfins, que vivem a sonhar com um socialismo bastardo em nossas maiores cidades, maximé no Rio de Janeiro, onde, por amor á pagodeira e á calaçaria, se accumulam os destroços do operariado refugado de todo o mundo; onde se tenta fundar um industrialismo esconso, que melhor faria em ir lavrar intelligentemente os campos e produzir a nossa independencia economica, — a nefasta propaganda dos Bomfins rhetoricos e dernorteados, faria bem em mudar de rumo.

Sim; tinha razão o velho ministro do Imperio, quando disse que o *Brazil devia ser um paiz essencialmente agricola*! Tinha razão, havendo apenas a ponderar que o maior mal do Brazil é não ter completamente tomado o conselho do antigo estadista e se deixado levar pelos sonhos e illusões dos declamadores que, então e ainda hoje, taxaram de ineptia — o dito do distincto servidor do Estado. *Ineptia*, e rematada, é proclamar o contrario. Sirva-nos de exemplo a Argentina: desde quando se compenetraram que devia ser *essencialmente agricola*, achou o caminho da salvação, tem o *pão* e a *carne* para comer e para exportar; não se perdeu no *pis aller* dum industrialissimo bastardo para inglez ver

Agóra reparo que não vá o sr. Bomfim suppôr que me pega em flagrante delicto de erronia, por haver, como coisas agricolas, ligado o *pão* á *carne*.

Não se assuste Manoel: na bôa organização industrial moderna, o criatorio é um appendice da agricultura, some-se na designação commum.

Em summa, o conselho, a propaganda, todo o esforço dos pensadores e dos homens praticos que amem este paiz e desejem-no ver ir adiante é: que elle, deixando as miragens dum industrialissimo que começa a ser batido no grande mundo, cuide de sua lavoura, melhorando a produção de todos os generos de cultura; cuide de desenvolver e aperfeiçoar a *criação dos gados*; cuide de sua *mineração* com todo o desvélo; cuide systematicamente de suas industrias *extractivas*; e, quanto á produção fabril, manufactureira e mechanica, reduza-se a um *minimum* intelligente daquillo que puder, nas grandes capitães, fazer com perfeição.

Para concluir este ponto: o *commercio* e a *industria* são muito bôas coisas; mas como força nacional e principio de conservação, a *agricultura* é superior.

Si o Brazil não se apressar em

tomar o caminho do campo que váe sendo buscado pelos povos europeus e mesmo americanos, váe acontecer o seguinte: nunca poderá ser um paiz *industrial*, por não poder seriamente competir com rivaes perfeitamente aparelhados; não poderá ser vantajosamente *agricola*, porque irá encontrar a terrivel concurrencia dos rivaes, revigorados pela evolução nova.

Lembre-mo-nos do caso typico e illustrativo do assucar: *a beterraba desthronou a canna, sendo-lhe infinitamente inferior*. Que ha a fazer? Desthronal-a por sua vez, aperfeiçoando o mais possivel os nossos processos de producção que tornem possivel, ajudados pelas vantagens naturaes da canna, levar de vencida o producto estrangeiro nos seus proprios centros productores.

O sr. Bomfim não desce a pensar nestes assumptos.

Pois é lá possivel que o fazedor de phrases sobre o *ciúme*, phrases aliás mal feitas, porque elle não tem imaginação, nem vigor, nem paixão, nem entusiasmo, — é lá possivel que esse fazedor de phrases tortas e toscas desça do alto cothurno do palavreado para pensar na producção do *assucar*, ou do *café*, ou do *algodão*? Como ha de um *virtuoso*, que faz conferencias para serem ouvidas por moças bonitas, afeiar o seu estylo, falando de coisas tão prosaicas?

Muito mais facil e muito mais *chic* é declamar sobre o *parasitismo* dos povos hispanicos ou descrever uma *surra de bolos num engeuho*, curiosa pagina que hei de transcrever opportunamente. Por hoje, cumpre-me fechar este artigo, com as palavras com que Méline acaba o seu livro; porque o meu processo no estudo da *America Latina* tem sido, propositadamente, citar as toliçadas de Bomfim e atirar-lhe em cima — para o estimular e desenganar ao mesmo tempo, *estimular* ao estudo e *desenganar* das babuzeiras em que anda hoje metido — a lição dos mestres, mas mestres de verdade.

Ce n'est pas par des grèves, — pondera Méline, após a pintura do estado hodierno do mundo operario — ce n'est pas par des grèves qu'on changera cet état de choses; on ne fera que l'aggraver en empirant la situation déjà si difficile de nos industries, en diminuant leur force de résistance à l'étranger et en leur faisant perdre des commandes, d'oú une nouvelle cause de réduction du travail et de perte de salaire.

Dans une semblable situation que reste-t-il à faire dans l'intérêt bien entendu des ouvriers pour améliorer leur sort et conjurer les dangers, de l'avenir? Une seule chose, à notre avis: ouvrir le plus vite possible de nouvelles sources de travail pour

remplacer celles qui commencent à se tarir, afin de ne pas être obliger un jour de rouvrir les ateliers nationaux de triste mémoire.

N'attendous pas d'être débordés par les événements pour agir; sachons prévoir afin de ne pas être surpris et mettons-nous courageusement à l'œuvre pour préparer l'évolution qui permettra de reconstituer insensiblement les cadres de l'armée du travail sur de nouvelles bases.

Sans doute, la tâche est difficile et le retour à la terre ne se fera pas en un jour.

On ne remonte pas d'un coup un courant qui emporte tout depuis un demi-siècle, mais l'entreprise est digne de l'effort qu'elle exige puis qu'elle tend à assurer aux travailleurs la sécurité de l'avenir. C'est pour faciliter la propagande de l'idée, en fournissant des arguments et des armes à ceux qui voudront se jeter dans la bataille, que nous avons écrit ce livre.

Il n'est que le commentaire développé de cette grande et forte parole d'un philosophe chinois qu'on ne saurait trop méditer et qui devrait être écrite en lettres d'or sur tous les murs de nos écoles, parce qu'elle résume d'un trait lumineux tout ce qu'on peut dire sur ce grand problème de la répartition du travail humain:

«*La prospérité publique est semblable à un arbre: l'agriculture en est la racine, l'industrie et le commerce en sont les branches et les feuilles si la racine vient à souffrir, les feuilles tombent, les branches se détachent et l'arbre meurt*».

Tome nota, Bomfim! Veja que *inepcia* a desse chinez, que *sandice* a de Méline, que o repete..

SILVIO ROMÉRO

D'AQUI E D'ALLI

Max Nordau Nesta epocha de critica *sobre os artistas* molle, sem ardor, sem *francezes* convicção, a do dr. Max Nordau se destaca como estrella de primeira grandeza num firmamento obscuro. Cada um dos seus livros estoira com um protesto violento contra o mercantilismo, contra o servilismo dos criticos francezes. Exasperado por se encontrar isolado nas suas opiniões, elle a externa completa, sem attenuantes, com uma severidade de tom que explode no concerto de admiração ou de condescendencias mutuas que nos offerece, muita vez, a critica contemporanea.

Sincero até á brutalidade, elle não reconhece a gloria consagrada pela complacencia dos pretensos entendidos, nem o genio admirado pela ignorancia das multidões; a verdade idéal, a verdade inteira, essa verdade que lhe é peculiar, é a essencia do seu criterio esthetico, e as suas opiniões muito nitidas, muito individuaes, não são talhadas ao sabor de toda a gente, muita vez chocam, quasi sempre revoltam as nossas idéas adquiridas e, todavia, nos encantam. Sentimo-nos diante de uma individualidade poderosa que se nos offerece através das sensações integraes de sua alma. Acrescentemos-lhe a erudição solida e vasta, forrada de rara originalidade e comprehenderemos como aquelles que detestam os desbordamentos de Max Nordau e sua franqueza, quando se exercem a respeito delles, o admiram quando dissecam a obra de outrem.

Comprende-se, então, porque essa explosão de sinceridade, explosão característica de cada uma de suas obras de critica, cauza escandalo entre escriptores e artistas, e grande admiração ao publico. O livro *Sobre a arte e os artistas*, virá, sem duvida, provocar um ruido analogo ao alcançado, ha alguns annos, pelas *Vistas do exterior*. O auctor passa nelle, em revista, aos olhos dos leitores, no intuito de revisão da gloria, quasi todos os artistas notaveis destes ultimos tempos. Nós lhe tomámos algumas paginas concernentes a Bernard, a Puvis de Chavannes, Rodin e Carrière, paginas em contradicção flagrante com as opiniões em voga.

*

ALBERT BERNARD.—Na pintura contemporanea não se encontra opposição mais violenta do que a que se nota entre Puvis de Chavannes e Albert Bernard.

Aquelle sómente via no mundo phantasmas, este via em toda parte fogos de artificio. O olhar do primeiro não supportava côres vivas; com o do segundo se dá um phenomeno semelhante á commoção recebida por um socco formidavel que o fizesse ver estrellas.

Nada ha a objectar contra o amor desenfreado pela côr; ao contrario, quem não soffresse de daltonismo poderia sympathizar com essa alegria visual, si Bernard satisfizesse a sua paixão com mais humanidade; mas elle solta em cheio os seus foguetes

no rosto das mulheres e, por isso, nenhum homem arrazoado quer se tornar seu cúmplice.

Ha na sua palheta, amarello, *orange*, verde, azul, vermelho, todos da mais sumptuosa intensidade; mas porque diabo emplastra elle o amarello nas faces, o verde nos cabellos, o azul e o *orange* nas espaduas e braços dos seus retratos, representando os seus modelos como si fôsem banhados pela onda de luz variegada que atravessasse um vitral?

*

AUGUSTE RODIN. — E' muito especial a situação de Auguste Rodin na arte moderna.

Elle foi elevado á dignidade de um *test* para o impressionismo decadente. Chamam-se *test*, ou *objecto* de prova, os corpusculos empregados na experiencia de augmento e nitidez dos microscopicos, sendo, em geral, escolhidas coirças de diatomios ou escamas de azas de borboleta. Sobre Rodin, os fanaticos, os *snobs* das tendencias divagantes experimentam a pureza e a força do sentimento symbolico-mystico. Que pensaes desse artista? Sois seu admirador? Si assim é, deveis adorar Bernard, sonhar Felicien Rops e acalentar a pretensão de ser contado entre os *moços* sem attender muito á côr dos vossos cabellos e á vossa tonsura.

Si não admiráes Rodin, deveis abandonar chorando a vossa sociedade; sois um decadente; nenhuma beldade penteada á Buticelli vos amará. Mallarmé não escreverá versos para vós, nem Nietzsche philosophará para vós. Não sereis jámais convidado para uma missa negra. Ide para os philisteus: pertenceis á desprezível especie dos ruminantes que passam andando para traz!

Rodin consagrou artigos de fé do decadentismo tres caracteres particulares: a escolha dos assumptos appellando para o mysticismo, para a psychopathia sexual da sua caterva de enervados, a technica afastada da tradição por excentricidades infantis, o desrespeito dos limites naturaes da sua arte, á qual elle pretende impor coisas do dominio da escultura.

Si a sua *Porta do Inferno* é uma illustração de epilepsia hysterica, de sadismo feminino, um grupo de marmore que elle expoz em 1896 é a illustração do *masochismo*. Está assentada sobre um rochedo uma mulher nua, de traços cruelmente alterados, e um homem que parece surgir da terra, está de joelhos, sem graça, deante daquella imagem, cujas pernas abraça com desespero, apoiando a cabeça no corpo feminino: isto deve figurar o homem domado, furiosamente abalado pela força sexual da mulher. A

reprodução desse grupo fica muito bem como frontespício de uma edição completa das obras de Sacher Masoch.

Os enervados que, como Baudelaire, se animam pelo amor dos cadaveres, que, como Felicien Rops, são agitados por uma luxuria morbida, encontram as mesmas excitações em Rodin; embriagam-se com a sua lubricidade hysterica, como com o sadismo monstruoso e delirante dos seus outros poetas e artistas favoritos.

Isto quanto aos assumptos. Examinemos, agóra, a technica. Uma das suas extravagancias consiste em assombrar os seus sectarios com o contraste entre um bloco de marmore rustico e o polido, de carnes excessivamente destacadas e trabalhadas. Toma um cubo desmarcado que elle conserva como foi talhado e como estava quando foi tirado da pedreira, e num cantinho o trata para destacar uma cabeça, um corpo lambido com extrema minucia.

Americanos, escandinavos, preocupados em *épater le bourgeois* pelo modernismo, imitam Rodin e apresentam um pedacinho de escultura, o mais estreito possivel na rocha mais desforme e mais cyclopica que possam encontrar. Esse gracejo não é barato, porque o bloco de marmore bruto representa, muita vez, enorme valor, muito maior do que o da parte cinzelada.

Mas o que é particularmente imperdoavel é o principio esthetico, objecto das homenagens de Rodin, expressamente impressionista, interessando-se, sómente, num grupo, uma figura, por uma linha de movimento, que elle conserva reproduzindo-a com verdade persuasiva, mas com accentuação exaggerada, voluntariamente, até á caricatura, despresando tudo o que não serve á expressão dessa linha. A escultura é uma arte, inteiramente incompativel com o impressionismo; reclama, por sua essencia, uma execução e uma honestidade escrupulosas na reprodução da realidade.

Rodin permanece no seu trabalho, num gráu que não passará de uma promessa: nunca será um artista completo. Esculpe com olhos e mãos de pintor e applica esses habitos a obras que se devem examinar por todos os lados.

Os limites mais longinquos em que as loucas divagações pôdem encontrar indulgencia, Rodin os excedeu no monumento de Balzac, exposto em 1898. Gôgo, que supporta toda a sorte de mystificações, não pôde engulir essa.

O *Penseur*, estatua colossal, exposta em 1904, é um erro quasi tão desastroso quanto o Balzac. E' o augmento gigantesco de um pequeno esboço havia muito encontrado na

Porta do Inferno. . . E' o irmão de Balzac, mas o excede em extravagancia porque não está vestido com um sacco de farinha: está nú, e o seu corpo despidido é tão mal feito que inspira repulsão a um esculptor cujo gosto não seja depravado, uma repulsão visinha do horror.

Dê resto, elle não está sómente nú; está escorchiado e como valor anatomico, não excede ás figuras dos antigos albuns japonezes.

E' lamentavel, porque Rodin era primitivamente um artista bem dotado; creára a *Belleza* quando não se julgava ainda obrigado a trabalhar para as novas revistas. E' inverosimil que elle volva ao bemaventurado caminho da simplicidade, do natural.

De Montmartre não ha regresso, ao menos para um homem idoso que, quando avançado na vida, subiu áquellas alturas e, por desgraça, tomou ao serio quanto ouviu. Os moços, ainda em plena evolução, pôdem, ás vezes, despertar do ruim sonho de esthetico montmartense. Mas a natureza não permite aos velhos se cobrirem de pelle nova.

Nordau não denigre systematicamente: attendei á sympathia com que elle esboça o retrato de Carrière e julga a sua pintura.

**

CARRIÈRE. — O pae de Carrière era um flamengo do norte de França, a mãe uma alsaciana. Seu physico reflecte essa origem germanica. E' um homem alto, largo, de ossatura solida, de conformação robusta, pelle branca, olhos azues, lento na eloção, circumspecto e sobrio de gestos, pensativo quando escuta, impenetravel quando silencia, elevando pouco a voz para dizer, sobre coisas que conhece, palavras discretas e sabias.

Carrière tem a sua maneira propria. Os profanos percebem, ao primeiro olhar, que seus quadros estão cobertos de uma especie de poeira, uma nuvem que se não penetra logo e que, cheia de poesia, envolve as suas figuras, deixando perceptíveis as suas diversas partes com mais ou menos nitidez. Excentricidade! — exclamam os superficialles. . . Arteficio — murmuram os embotados.

Nordau explica que, por esse methodo, o pintor tradúz maravilhosamente a atmosphaera doce dos interiores. E accrescenta:

Carrière obtém assim, com admiravel naturalidade, o recuo dos accessorios, um magifico relevo das coisas essenciaes, mais claridade e expressão do que qualquer dos pintores seus contemporaneos. Parece paradoxal, mas é verdadeiro: elle conseguiu fazer

da fumaça o melhor vehiculo da clari-
dade e do mysterio a manifestação
mais completa do sentimento.

*

PUVIS DE CHAVANNES. — O natura-
lismo estava na maior vóga quando
esse artista chegou a desenvolver a
sua maneira. Elle foi um protesto
vivo contra essa arte commum, feia e
chata, contra a reproducção sem esco-
lha e vasia da realidade sem alma.
Deante dos seus quadros, pôde-se no-
vamente sonhar: elle foi, depois da
prosa, depois da vil prosa do jargão,
o despertar da poesia; não se exigia,
antes de tudo, que os versos fôsem
bons; contentaram-se com o mediocre
contanto que fôsem versos.

Em uma epocha de idéalismo, elle
se perderia no meio dos outros, sem
ser notado; quando muito, lhe censu-
rariam a banalidade dos symbolos, a
impersonalidade, a chatice, a fraqueza
do desenho, o vago da composição.
Seu colorido passado lhe fôra inspi-
rado pelos frescos dos Quatrocent-
tistas; no seu espirito, a idéa desses
frescos se associou á do desmaiado e,
desde então, querendo pintar no estylo
dos velhos mestres, deu á sua propria
pintura essa descoloração que não era,
absolutamente, intencional de sua
parte, que resultava simplesmente da
acção destruidora dos quinhentos an-
nos decorridos desde o seculo XV

O desmaiado, o afastamento, a ane-
mia dessa arte pallida se encontraram
maravilhosamente com o sentimento
doentio da epocha, e esse mysticismo
das côres era unisono com o mysticis-
mo geral.

Puvis de Chavannes foi, em França,
o primeiro mestre academico da pin-
tura morbida; seu principio é o leite
de cal; tradúz todas as suas imagens
por meio de um molho branco, meio
opaco que attenúa todos os tons. Seu
olhar é inimigo da côr, descolora tudo
quanto attinge.

Elle simplifica, do mesmo modo,
todas as linhas, ao ponto de perderem
absolutamente a sua individualidade;
observa sómente a geueralisação da
fôrma: estyliza tudo o que toca seu
lapis, seu pincel, e é precisamente essa
fria estylisação aquillo que os seus
partidarios chamaram: Idéalismo.

O seu cyclo de santa Genoveva lhe
assegurou um posto duradoiro na pin-
tura historica; mas os seus grandes
frescos allegoricos são frios, mortos.
inchados, pretenciosos; nem o dese-
nho, nem o colorido fazem delle um
mestre, cujo exemplo deva ser imi-
tado. O culto desse pintor não foi, em
summa, sinão uma reacção opportuna
contra o naturalismo.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

O nosso eminente collaborador, general
Dionysio Cerqueira, laureado pelo brilhante
successo das *Reminiscencias de Campanha*,
cujo ultimo artigo saíu no nosso numero 61,
inicia hoje as *Reminiscencias da Fronteira*,
contadas com o exacto colorido de um es-
tylo sobrio, espontaneo, com uma eloquen-
cia que evoca á vida os factos, as coisas, os
personagens, traçados em esboços firmes de
uma inabalavel verdade.

Nas *Reminiscencias da Fronteira*, encon-
trarão os leitores dos *Annaes* episodios da
campanha da commissão scientifica incumbi-
da de lindar o nosso territorio com o de
Venezuela, dirigida pelo notabilissimo e
sabio mestre, o saudoso barão da Parima,
que deixou, na engenharia nacional, lumi-
nosos traços da sua competencia profes-
sional.

Póde-se afirmar que, depois dos extra-
ordinarios trabalhos dos bravos demarca-
dores do XVIII seculo, encarregados do
colossal estudo da extraordinaria linha de
limites entre os dominios das corôas de
Portugal e Hespanha, a mais extensa fron-
teira do mundo, tivemos sómente explora-
ções parciais, todas incompletas, interrom-
pidas pelos formidaveis obstaculos naturaes
da região percorrida, sem que, por isso,
fôsem menos preciosas as informações col-
hidas para a sciencia e a revelação dessa
parte do continente sul-americano. A com-
missão do barão de Parima penetrou tre-
chos de territorio absolutamente ignorados
ou dos quaes tinhamos, apenas, noções
vagas, truncadas, sem cunho de auctori-
dade, não sómente quanto á topographia,
como quanto á população autocthone, sua
lingua, seus costumes, sob todos os aspectos
curiosos.

No trabalho que recommendamos aos
nossos leitores, ha o encanto do inédito, do
assumpto, da região desconhecida, a sua
fauna, os seus habitantes, surprehendidos,
em flagrante natureza, por um observador
honesto e erudito.

UMA NOITE NO RIO MARARY

O capitão de engenheiros José Jar-
dim, que morreu general depois de
ter defendido S. Paulo com mascula
energia e o mais acrysolado patri-
otismo no tempo da revolta, e o conde
Ermano Stradelli, que trocou o seu
Castello de Burgotaro e os prazeres
aristocraticos de Florença pela taba
selvagem dos Tucanos do Uaupés e as
explorações arriscadas no meio do
gentio e dos anophéles amazonicos,
fazendo-se naturalista e geographo,
chegaram commigo, em março de 1882,
ao ponto do rio Marary, onde começa
o caminho estreito e sinuoso que, atra-
vêz de serras e arroios, os indios abri-
ram em rumo para o Castanho, afflu-
ente do grande Siapa, que váe desem-
bocar no Cassiquiare, o notavel canal
por onde o soberbo Orenoco envia o

seu tributo ao Amazonas, o poderoso
suzerano.

O Marary é tributario do Padauriry,
que mixtura as suas aguas claras com
as escuras do Pixuna, antes de desem-
bocarem juntos no Negro, cuja lar-
gura não medimos allí, mas deve ser
de muitas milhas, porque gastámos
mais de uma hora para atravessal-o
numa bôa lancha a vapor da flotilha
do Amazonas.

A nossa viagem, eriçada de difficul-
dades que encontravamos a cada pas-
so, transpondo cachoeiras e saltos,
pareceria muito penosa e cheia de pe-
rigos aos que, como nós, não estives-
sem acostumados a tantas asperezas.

Acampámos á margem esquerda so-
bre um socalco formado á custa do
cerro, cujo sopé as enchentes fôram
erodindo e nivelando. Parecia a vasta
area quasi plana e horizontal terra-
plenada expressamente. Um vallo pro-
fundo, então a secco, cavado pela im-
petuosidade da corrente nas cheias,
separava-o da montanha.

Alli armámos as nossas barracas e
mandámos construir um tejupar para
guardar os nossos paneiros de farinha
d'agua e outros viveres — sobre um
alto giráu de varas. Servia-nos de co-
sinha. Alguns arbustos e uma arvore
de espiuhos, onde viviam duas corujas
que cautavam lugubrememente toda a
noite, eram a unica vegetação do so-
calco, de modo que não nos foi preciso
fazer derrubadas, como era nosso cos-
tume. O logar nos seduzira pela lim-
peza e pelo trabalho que nos poupava.

O rio corria a uns tres metros abai-
xo da crista do barranco, sobre um
leito de alvas areias e seixos rolados,
de diversos matizes. Era limpido e nos
banhavamos, apesar dos piuns impla-
caveis, com grande prazer nas suas
aguas frescas e rapidas, que mal nos
chegavam aos peitos.

A margem esquerda em que estava-
mos era muito concava, e, pouco a pou-
co, se ia approximando, pela erosão
constante, do flanco abrupto da mon-
tanha, ao passo que a opposta ia se
alluvionando pelos depositos que o
Marary, sem cessar, fazia dos sedi-
mentos, que arrastava commigo das
serranias, donde vinha.

Viamos a cavalleiro a margem di-
reita, que se estendia para dentro, co-
berta da vegetação cerrada e caracte-
risticamente baixa dos terrenos alaga-
diços, até uma serra pouco elevada,
que a limitava, das bandas do oeste.

Era demasiado restricto o nosso ho-
rizonte. Por todos os lados, a vista
parava de encontro a uma alta mura-
lha de verdura orlando a floresta infi-
nita, onde dormem thezouros fabulo-
sos e se escondem segredos e myste-
rios ainda por muitos seculos. Sómente
ao norte appareciam ao longe, sobre o
cimo da matta, as cumiadas dos altos

massiços das serranias que separam das nossas as terras de Venezuela. Os picos agudos da Tapiirapecó tinham a forma de immensas linguas de anta, como indica o seu nome *nheengatú*, (linguas ponteagudas) voltadas para o céo, negras, resequidas, como querendo lambar as nuvens que passam por ellas peçadas d'agua, mas immoveis e rigidias como o granito que as fórma. Mais para léste, a cordilheira abaixa-se em curvas mollemente accidentadas e no alto dorso verde-negro eleva-se gigantesca a móle escura do «Curumycuêra-urussacanga», (panela de malhas abertas do mancebo que morreu), rochedo escalvado que a natureza allí plantára, na crista do divisor de agnas, para eterno marco da nossa linha de limites. Além... a serra do Curupira, cujo nome os nossos tratados estropiaram, trocando-o por *Ucurusiro*, e mais adeante, sempre para as bandas do nascente, os cumes mais altos da Anahanahana, que na lingua dos Uirinays, que por lá moram, significa «casa do gigante», estendem-se, a perder de vista, por aquellas immensas solidões até ás proximidades da cordilheira de Parima, refugio dos guaharibos e guaicás, ferózes e indomaveis, que nas cabeceiras, até hoje ignoradas do Orenoco e dos seus grandes afluentes, matam os inimigos com flechas envenenadas com «Uirary», fazendo odiosa excepção á lealdade e humanitarismo dos outros indios que só o empregam na caça, apesar de ignorarem a opinião dos grandes tratadistas de Direito Internacional sobre as «coisas licitas na guerra» e nunca terem lido o artigo decimo sexto das Instrucções de Lieber para o exercito dos Estados Unidos. Exaltada pelo medo e pelas incertezas da sua vida precaria, rodeada sempre e por toda parte de perigos, a imaginação do selvagem povoou essas paragens de lendas fabulosas. Os guaharibos e guaycás inspiram-lhes terror supersticioso. Quando se referem ás suas crueldades, abaixam a voz, falam baixinho como si receiassem que os echos da solidão ou mesmo o Curupira, o sobrenatural caboclinho sem juntas e todo duro que guarda as florestas e examina as sapopembas das arvores antes das tempestades, vão denunciá-los aos ferózes inimigos.

O Stradelli, logo depois que chegámos, seguiu, a meu pedido, para o rio Castanho, da outra banda da serra, acompanhado por dois indios mandauacás, muito ladinos e meio civilizados porque já falavam bem a lingua geral ou *nheengatú*. Informaram-me que lá morava um velho e bom tuicháua. Precizava de bons guias e de informações sobre aquella região desconhecida, que iam explorar para fixar a linha divisoria. Recommendei ao meu bom ami-

go que me trouxesse não só o velho chefe como tambem alguns indios da tribu. Havia tres annos que a commissão de limites estava no Amazonas e aproveitei bem o meu tempo aprendendo a lingua geral, que conseguí falar correntemente. Isto me serviu de grande auxilio e aos meus collegas, pois captava, sem grande esforço, a confiança dos indios, que vêem sempre com suspeição aquelles que não a falam.

O meu sandoso chefe e bom amigo, o mallogrado barão de Parima, meu illustre mestre, ficára na cachoeira grande do Paduiry com o resto do pessoal, sem poder mover-se porque havia mandado uma canôa do Xibané buscar a nossa correspondencia e outros viveres para nosso bastimento. Mandeilhe as minhas tres com as tripolações restrictamente indispensaveis para transportal-as rio abaixo. Ficaram commigo e o Jardim apenas quatro homens: — os nossos dois camaradas, soldados do Onze de infantaria, o cozinheiro Osorio—velho portuguez, que fôra da corveta *D. Isabel* e naufragára na costa de Marrocos, e o indio Aturre, cujo nome significa jacaré na lingua da sua tribu Uirinay.

O meu camarada era um rapaz de vinte e dois annos, alto, branco, de cabellos ruivos, filho da povoação de Maria Pereira, no Ceará. Era sobrio, bom e forte o Antonio Cearense. O do Jardim era um indio gaúcho da fronteira de S. Borja, que fôra transferido para o Amazonas, por castigo. Gostava muito de beber, era o seu unico defeito. Como nós não tinhamos o veneno, elle não se intoxicava e portava-se muito bem.

O Osorio, nosso Vatel, nunca teve ensejo de revelar as suas peregrinas qualidades, de que tanto se ufanava.

O Aturre era o typo mais notavel do grupo. No deserto, ninguem lhe podia atirar a barra adeante. Via mais do que qualquer de nós e ouvia o som longinquo e compassado dos remos muito antes que o sentissemos. Com o seu isqueiro de pau, fazia fogo mais depressa que o Osorio e ninguem era mais lésto em desenredar uma espia mergulhando entre as altas maretadas descontraçadas dos remansos das cachoeiras. Era dextro no manejo da pinauáca na pesca dos tucunarés e não errava um só tiro de sararáca nas tartarugas que desciam o rio, de bobuia; não tinha rival quando ia ao fundo dos caacurys buscar o peixe, sem receber as descargas electricas dos purakés. Quando os carachués, ao pino do sol, enchiam de plangentes melodias as margens dos igarapés e os cuaracy-uirás ostentavam a plumagem de brilhos rutilantes nos altos galhos das acaiacás gigantes, Aturre imitava, acocorado, o pio queixoso dos mutuns

ou os jacamins ventriloquos, e exterminava, com as pequenas flechas de *pashiúba*, hervadas com *uirary*, lançadas pela zarabatana infallivel, o bando inteiro. Mais de uma vez, chegou á malóca com a pelle mosqueada do *iauaeté*, que com elle tambem espreitava a saborosa caça.

Emquanto Biballé, a joven esposa, a sua «estrella», tecia a maqueira de *murity* ou preparava ao forno o «curadá» de tapióca e o *beijúticanga* para as excursões longinquoas, elle polia o arco de «uzapaparayna» e dava com mão de mestre a fórma helicoidal ás pennas do «uiráuassú», que collocava na extremidade das flechas aguçadas de lamina larga de taquara, para defender a tribu dos ataques frequentes dos oromanos, seus visinhos, que ainda uzavam machados de pedra, gostavam de comer os olhos dos que caíam aos seus golpes e faziam das canellas monotonos *membis*.

Não havia, em toda aquella redondeza, desde o Maranyá, pé mais ligeiro, braço mais forte, coração mais valente do que os do Aturre. Era alto, esbelto, uzava apenas um «cuêio» na cintura; os cabellos, negros como aza de corvo, eram aparados na testa e caíam lisos e bastos sobre as espadnas musculosas. Quando queriamos variar na comida, elle sabia onde moravam as antas e caitetés, e ia buscá-los. Pedi-lhe, uma vez, um gallo da serra e trouxe-me dois. Conhecia as penedias onde o precioso passaro construa os ninhos inacessiveis. Gostava muito do Aturre, que nos prestou serviços inestimaveis.

Desde que chegámos ao porto do Marary, o tempo conservava-se sempre adverso ás nossas observações astronomicas. Quando o sol apparecia, era em hora contraindicada ou mal lhe apontava a luneta, vinha ligeira uma nuvem escondel-o.

A' noite, a abobada celeste mantinha-se tenebrosa, sem uma estrella a luzir. E os dias e as noites iam passando, e a posição geographica do acampamento se adiando.

Uma vez, depois duma tormenta, o sol escondeu-se limpido por detraz da montanha á nossa direita, e a noite appareceu estrellada. Armei pressuroso o horizonte no topo do poste de observação e esperava ancioso a hora da culminação de algumas estrellas, que haviamos calculado. O Jardim ajudava-me contando no chronometro sideral, allumiado por uma lanterna furta-fogo, e eu, sentado num banquinho de pau, tinha na mão direita o meu bom sestante Lorieux, já calado na altura approximada da passagem de Alpha dos cães de caça. Faltavam apenas alguns minutos, quando flocos de brumas alvacentas começaram a elevar-se da profundeza dos valles da

serrania e a limpidez do céu. foi se manchando de tennes véos e as estrelas já mal se reflectiam no mercurio do horizonte. Apenas brilhavam algumas no zenith e apagaram-se logo depois levando consigo nossas esperanças de uma observação proveitosa para a nossa latitude approximada. Resignados, esperaríamos dias mais propicios. E assim se passam dias e semanas inteiras na fronteira, á espera que as nuvens deixem de empanar o luzir das estrellas e o disco do sol.

O dia dessa noite que havia principiado tão mal para nós, fôra de chuva e ventania até ao cair da tarde.

Não é facil avaliar bem o tedio, que se apoderava de nós naquella fim do mundo, em pleno deserto, cercados de mysterios e recolhidos ás nossas pequenas tendas de algodão mofado, estirados nos estreitos leitos de campanha, sem outros livros para ler, além do velho *François* e *Chauvenet* e algumas taboas de logarithmos. Durante o dia, os pinns; á tarde, os maruys, e, á noite, os carapanãs, acompanhados de legiões tão numerosas de mariposas nocturnas, que chegavam a tapar-nos a luz das nossas lanternas.

Perdida a esperança, fui para a barraca, e o sereno caía como chuva copiosa. Chamei o Antonio e recomendei-lhe que me chamasse si o céu se despejasse. Pouco depois, adormeci.

Alta noite, fui despertado pela voz meio assustada do velho Osorio, que me bradava:

«Sr. doutor, o rio está galgando o barranco».

Ao deitar-me, o Marary corria no seu leito normal, a mais de tres metros abaixo de nós. Virei-me para o outro lado, pensando que o cosinheiro exaggerava. Mas não dormi, porque o Antonio abriu a porta da barraca e disse-me:

«Sr. major, o rio está subindo muito e já parece um mar».

Levantei-me rapido, enfiei nos pés uns sapatos de sóla de pão e fui até ao tejupar, onde luzia, mortiça, a chama de uma torcida embebida em manteiga de tartaruga. Aturre havia fncado num resalto do barranco uma vara com marcas feitas a carvão e, de cócoras sobre os calcanhares, observava attento o progresso da enchente. O rio crescia rapidamente e pouco já faltava para invadir o nosso terrapleno. Gritei pelo Jardim de tal modo, que elle pensou que fôsse um ataque de índios. Mandeí levantar as barracas e pôr os nossos instrumentos sobre o alto giráu do tejupar.

Quiz antes que fôsem, por maior segurança, para o cerro proximo, onde não chegariam as aguas; mas os soldados não puderam lá chegar, porque o vallo, que o separava de nós, estava

cheio e a corrente era impetuosa, levando tudo por deante.

Arrumámos a bagagem o melhor que pudemos no girán, que mal supportava a carga e rangia gemendo sob tanto pezo. O indio continuava attento a olhar para o potamometro improvisado e eu me abaixei ao pé d'elle e via as marcas irem desaparecendo uma a uma.

Levantei-me e, olhando ao derredor, vi que estávamos inundados. Só restava do terrapleno pouco mais do que a arêa occupada pelo rancho. Tudo o mais estava inundado.

Poucos minutos depois, o Marary galgou a crista do barranco e derramou-se cobrindo a pequena ilha em que estávamos refugiados.

Já não observavamos a vara marcada. A enchente continuava e ninguém poderia prever o seu limite. Eramos seis no tejupar, no deserto, numa ilha que se afogára, e não tínhamos uma canôa para salvar-nos. O rio cobria já a margem opposta e parecia enorme. Ouviamos calados os seus rugidos e sentiamos as aguas frias subirem-nos pelas pernas. Nenhum de nós tinha vontade de falar. Cada um fazia os seus planos de salvação. E a agua subindo sempre, já nos chegava aos joelhos.

A nossa pobre baixella, que estava sobre um banco de varas num caixão, foi arrebatada pela corrente e salva, a muito custo, pelo Antonio.

Subia sempre e já nos dava pela cintura. Agarrámo-nos ás forquilhas do rancho para podermos resistir á impetuosidade das aguas. Corpos estranhos passavam, rapidos, roçando-nos e galhos de espiulhos arranhavamos o rosto, revolteando na descida veloz. As duas corujas da arvore proxima, de vez em quando, soltavam um pio.

Havia algumas horas que allí estávamos naquella angustia. Eramos seis — quatro soldados, um velho marinheiro e um indio — todos mais ou menos fatalistas. Esperavamos resignados o nosso destino. Todos eramos excellentes nadadores, mas não era ainda chegada a hora.

A agua já me dava pelo pescoço, e, na ponta dos pés para que não me entrasse pela bocca, ia lançar-me á mercê daquellas aguas ruidosas e revoltas, quando Aturre me deteve dizendo:

«Reçarú, ce anama; paraná otipáu, tipáu».

(Espera, meu parente; o rio está baixando).

Elle continuára observando o movimento das aguas na forquilha do rancho, onde se agarrára. A nossa anciedade já não era tão intensa. As palavras do indio, que eu traduzi aos companheiros, nivelados todos naquelles transe de morte, tranquilliza-

ram-nos. A madrugada já se annunciava pelo despertar indiscriptivel das mil vózes das mattas. Pouco a pouco, íamos distinguindo o perfil indeciso das serranias longinquas e o recorte mais proximo da matta baixa da margem opposta, que se havia transformado em immenso igapó.

As aguas baixavam rapidamente. Quando o dia amanheceu, o nosso gallo, empoleirado na cumieira da minha barraca, andava assustado do diluvio, de uma ponta a outra, não sabendo como descer no meio daquelle oceano de aguas barrentas. Estava fóra dos seus habits, mas havia passado a noite melhor do que nós, sem incommodal-o a enchente. Ainda não tinha cumprido o seu dever e parecia envergonhado. Olhou-nos, parou, e, batendo as azas, entoum tres vezes seguidas o seu canto de alvorada. Estava substituindo o corneteiro da escolta, que ficára com o chefe da commissão.

Quando o sol, assomando por cima das sumameiras gigantes, dardejou os seus raios sobre aquelles destroços, já o Marary não corria mais pelo chão do tejupar e, ás tres horas da tarde, pude fazer uma série excellente de dez alturas para o meu angulo horario. O rio havia voltado ao seu leito normal e nesse mesmo dia mudei o acampamento para o certo, onde as suas aguas nunca chegariam.

DIONYSIO CERQUEIRA.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O saneamento do Panamá. — Os principaes obstaculos. — Os effeitos dos poderes autocraticos de Magoon.

Parece estar definitivamente debellada a epidemia da febre amarella no Panamá, onde este flagello, de uma acuidade fulminante, era um ineluctavel obstaculo a toda a sorte de actividade, como foi na colossal empreza da perfuração do isthmo iniciada pelo grande Lesseps. Engenheiros, operários europeus, mesmo chinezes, fôram implacavelmente ceifados.

A campanha actual contra a febre amarella foi um grande esforço humanitario contra a immundicie, a falta de hygiene, a ausencia de precauções e os costumes semi-barbaros que prevaleciam no Panamá desde o tempo de Pedrarias.

O coronel Gorgas, emiunente chefe da saúde publica, que, em poucos mezes, libertára Havana da febre amarella, perdera a esperança de egual successo no Panamá, onde julgava poder executar as mesmas medidas empregadas em Cuba; e, provavelmente, teria obtido o seu anhelado si lhe fôsem

dados os mesmos poderes e liberdade de acção: a cada passo, encontrava obstaculos insuperaveis.

Essa miseravel situação durou até maio ultimo, quando o presidente Roosevelt deliberou intervir. O Congresso lhe negára o auxilio das auctorisações legais urgentes, indispensaveis, e por isso, elle resolveu agir por sua propria conta. Para isso, forçou os funcionarios do canal a se demittirem, substituindo-os por homens novos de absoluta confiança e nomeou governador residente da zona do canal, com poderes autocraticos, o juiz Charles E. Magoon, homem pratico, de particular energia. Deram-se no isthmo no mez de maio, 38 casos de febre amarella.

A permanencia da molestia era terrivel; peor, porém, era a desmoralisação do sentimento publico da colonia americana. O governador Magoon verificou que, ao passo que muitos fugiam do isthmo como de um sitio empestado, outros tinham ficado no estado de temerario fatalismo, affrontando o mal; expunham-se por mára bravata ás ferroadas dos mosquitos e furavam as redes protectoras apostas ás janellas dos edificios publicos e hotéis. O novo governador emprehendeu combater essa opinião erronea sobre as precauções empregadas, declarando-se, francamente, medroso da febre e tomando contra ella todas as precauções possiveis. A isso accrescentou que ninguem estava isento do mal e que não eram sinceros aquelles que blasonavam o contrario; annunciou, finalmente, que a theoria do mosquito, como vehiculo da molestia, era sustentada pelas mais acatadas summiidades da medicina e da cirurgia, e pretendia pol-a em pratica com todo o empenho e poderes ao seu alcance.

O seu primeiro acto foi ordenar a reparação das télas das janellas e declarar que seriam severamente punidos aquelles que as removessem ou damnificassem; em seguida, conservou todas as repartições completamente fumigadas, renovando, todos os quinze dias, essa operação, passando depois a completa desinfecção da cidade, sem exclusão de um só edificio, trabalho que foi executado da maneira mais perfeita.

Em conferencia com o presidente Amador, muito competente na materia e conhecedor especial da febre amarella, o governador Magoon nomeou inspectores sanitarios oito dos mais notaveis medicos indigenas para os oito districtos em que foi dividido o territorio e esses medicos fizeram inspecção diaria, em cada casa, de todos os individuos. Esse trabalho extraordinario foi executado com a mais energica precisão. Além dessa inspecção,

enviou missionarios e instructores para ensinarem ao povo a verdade sobre a theoria do mosquito e todos os sitios em que estes poderiam proliferar fôram destruidos ou tratados com kerozene e outros desinfectantes.

Cuidou, particularmente, de augmentar o abastecimento d'agua, suspendendo as obras do canal para que todos os operarios fôsem empregados no trabalho d'agua e dos exgottos, abolindo as cisternas e outros depositos, antigamente usados e muito propicios ao desenvolvimento do fatal *stegomia*, e promoveu o calçamento das ruas com tijolos vitrificados.

Não tardaram os admiraveis efeitos dessa campanha do governador Magoon. Em maio, houve 38 casos de febre amarella; no mez seguinte, a molestia augmentou para 62 casos. Em julho, porém, houve notavel diminuição para 42 casos; em agosto, sómente 27; em setembro 6; e a molestia desapareceu, podendo-se affirmar que o ultimo caso, em Panamá, occorreu a 14 de setembro. Desde então, apenas um caso se manifestou na aldeia Matachin a 29 de outubro, sendo toda ella lavada com desinfectantes que asphyxiavam completamente o terrivel germen.

Como em Panamá, o principal inimigo, entre nós, da extirpação da febre amarella, é o preconceito, a falta de confiança nas medidas sanitarias, apesar dos brilhantes resultados por ellas obtidos em outros logares, victimas dessa horrivel enfermidade.

Todas as experiencias demonstram a effectividade da theoria do mosquito. Em Ismailia, antes do tratamento pela supressão do mosquito, os casos de malária entre os empregados da companhia do canal de Suez, attingira de 1.500 a 2.000, tendo em 1903 baixado rapidamente a 209. Em 1904, os casos caíram a 90; em 1905, de janeiro a setembro, o numero total de casos foi de 37.

As cifras são de empolgante eloquencia.

PAGINAS ESQUECIDAS

Não só no Rio como, principalmente, nos Estados, anda uma enthusiasmada propaganda afim de se levantar uma estatua a d. Pedro II. Aliás não é nova a idéa: apparece, desaparece, e reaparece toda vez que os falsos republicanos ou os heróes dos *factos consummados*, desgostosos, se despeitam furiosamente com a Republica. Despenha-se, então, uma formidavel torrente de elogios e só elogios á acção, ao espirito do Imperador; fala-se excessivamente a proposito dos seus extraordinarios serviços, da sua extraordinaria sabedoria...

Nada, portanto, teria de novo, mesmo de

interessante, nesta secção dos *Annaes*, uma referencia no sentido de lhe chorar a morte e, antes disso, a quéda.

Assim, damos, em seguida, o manifesto do *Club Republicano Rio-Grandense*, escripto em dezembro de 1891, pelo veneravel sr. Teixeira Mendes, do Apostolado Positivista do Brazil, que aprecia, menos com palavras do que com factos, o segundo reinado.

PEDRO II

As lamurias hypocritas daquelles que fôram os cumplices de um chefe malfadado, e que fazendo hoje a sua apothese, apenas ensaíam a glorificação de seus tristes passados individuos, eram, por outro lado, phenomenos demasiado vulgares para demover-nos da proverbial misericórdia dessas gerações de que nos ufanamos de descender, e a cuja confiança tão mal corresponderam d. Pedro II e seus sequazes.

Em toruo, porém, do sumptuoso caixão do ultimo dyasta brasileiro, não se escuta só o alarido daquelles que elle caracterizou na sua despedida com esta significativa exclamação: — *Passei a vida a carregar máus governos*. O governo de um povo amigo, cuja historia nos é mais familiar do que a nossa propria; cuja lingua cada vez mais se confunde com a nossa; cuja supremacia planetaria a Republica Brasileira honrou-se de proclamar erigindo o 14 de julho em dia de glorificação nacional, não hesitou em fazer côro com os exploradores de nosso Passado, os perturbadores de nosso Presente e os inimigos de nosso Futuro.

Deante de tão inopinada manifestação, a persistencia do nosso generoso silencio poderia ser interpretada como um assentimento. Nós, portanto, vimos por este meio protestar perante as almas verdadeiramente republicanas contra a indigna legenda que se procura crear, em desprestigio de nossa patria, abusando-se da ignorancia em que o mundo se acha ácerca da historia brasileira.

O que sabe o governo francez de nossa politica interna e mesmo externa? Que estudo fez elle do nosso passado para tributar honras solemníssimas ao chefe que, depois de meio seculo, merecidamente foi banido de nosso meio?

Tomando no seu conjunto, os factos de nossa historia inpunham áquelle governo a mais circumspecta absten-

ção de qualquer manifestação de lucto publico; porque o homem que expirava fóra da terra do seu nascimento, representava nella o unico vestigio do regimen politico contra o qual ha um seculo lucta a França.

Pois que! Esse povo francez que desde 1789 sacrifica-se para supprimir a realeza, para implantar o regimen republicano, viria em 1891 applaudir aquelle que acabára de cair do unico throno americano? Que outra republica já corresponden melhor do que a brazileira ás grandiosas aspirações da immortal *Convenção*? Onde existe maior liberdade do que em nossa Patria depois que extinguimos a monarchia? Fomos nós que eliminamos toda theologia official, como destruimos os privilegios profissionaes dos metaphysicos e dos scientistas, realizando assim o plano da heroica assembléa que instituiu o programma da regeneração humana. E o povo francez, que dirige a cruzada redemptora, em vez de estreitar os laços de sympathia que o ligam ao povo brazileiro, procuraria quebral-os, renegando o seu passado e renunciando ao seu porvir?

Não; procedendo como fez, o governo do presidente Sadi Carnot não foi o interprete das tradições regeneradoras da França; não traduziu as energicas aspirações do povo a cuja testa se acha. Porque o seu acto equivale a retirar a França da vanguarda do progresso, para fazel-a capitanear uma retrogradação contra a qual conspiram todos os seus antecedentes.

Nem se diga que as honras fóram prestadas ao homem e não ao monarcha, porque um é inseparavel do outro: Pedro II não podia ter sido o grande homem que se apregôa sem ser ao mesmo tempo um eminente estadista. Mas acceitemos por instantes o absurdo divorcio. Onde estão os documentos comprobatorios do merito do homem que se endeoza?

Foi scientista?—Onde estão as leis que descobriu, as theorias que inventou? Em que e como engrandeceu o capital intellectual elaborado pelos fundadores da sciencia pozitiva, desde Archimedes até Bichat e Gall?

Foi philosopho?—Onde estão as provas de sua capacidade generalisadora? Quaes os vestigios de suas tentativas syntheticas? Onde os trabalhos que opulentaram a herança legada

pelos guias do pensamento humano, desde Aristoteles até Descartes e Augusto Comte?

Foi poeta? Que é das producções de seu genio esthetico?—Onde os poemas, os romances, os dramas, as producções quaesquer de seu éstro com que houvesse enriquecido o thezouro esthetico, accumulado pela nossa especie, desde Homero até Corneille e Byron?

De scientista possuia elle apenas as cadeiras e os titulos que lhe deram os pretorianos da sciencia, em troca das lentejoulas com que elle os condecorou. Foi assim que a Academia das Sciencias, onde nunca entraram nem Bichat, nem Broussais, nem Gall,—orgulhou-se de contal-o em seu seio, quando já lá não existiam os Lavoisier, os Fourier e os Blainville.

E é justamente essa pedantocracia sem civismo que, de mãos dadas com os opportunistas actualmente empossados da suprema direcção da França, promovem as horas funebres com as quaes se procura macular a Republica Brazileira.

Como politico, por sua ineptia moral e mental em sustentar a sua dynastia, desenvolveu no interior a corrupção e deu logar a sanguiuoleutas luctas fratricidas, ao passo que determinava no exterior guerras das quaes a ultima deu em resultado o anniquilamento do Paraguay, que foi não menos fatal ao Brazil pelas vidas e os capitaes que absorveu. Ostentava a pretenção de libertar os povos republicanos dos seus tyrannos, e couservava milhões de brazileiros na escravidão. Unica entre as nações da America, a nossa patria apoiou, durante o seu governo, a criminosa tentativa pela qual o segundo Bonaparte, fallhando á missão regeneradora da França, pretendeu impôr uma dynastia ao Mexico.

Assim procedendo, elle contribuiu para o vexame por que passou a França, vendo-se obrigada a retirar os seus exercitos deante das legiões libertadoras de Juarez e da intimação decidida da Republica Norte-Americana.

O seu abolicionismo ficará assáz caracterizado notando-se que desde 1825 o venerando ancião, patriarcha de nossa Independencia, o sabio José Bonifacio de Andrada e Silva, forneceu um projecto para a rapida e gra-

dual extincção da escravidão. No entanto, para não expôr-se a perder o throno, Pedro II levou a trausigir com a olygarchia escravista até quasi as vespersas de sua quéda. Apesar dos dignos esforços da Inglaterra, o trafico de escravos persistiu até 1856. Não contente com manter até 1888 uma perversa legislação criminal contra os miseros captivos, promoveu, *em nome da Santissima e Indivisivel Trindade*, tratados escravocratas com as republicas visinhas, prevalecendo-se até para isso da situação amargurada da Republica Oriental.

Os escravos da nação e os dados em uso-fructo á corôa só fóram libertados em 28 de setembro de 1781. E, eutretanto, nos momentos de apuros, os escravos da nação fóram libertados para irem morrer nos campos de batalha em defesa do pavilhão imperial.

A verdadeira extensão dos seus sentimentos liberaes ficou patente consentindo elle que as officinas do principal jornal republicano, sitas na mais concorrida rua do Rio de Janeiro, fôssem apedrejadas pela policia na noite em que a redacção desse jornal festejava, com o consentimento da mesma policia, a proclamação da Republica da Hespanha. Nas vespersas de sua deposição, havia o seu governo prohibido os vivas á Republica. Quanto á instrucção publica, apenas desenvolveu a pedantocracia, sem nunca haver demonstrado real solicitude pela verdadeira elevação mental do povo.

Tudo procurando subordinar ao seu omnimodo poder, desrespeitou a Igreja Catholica, consentindo que fôssem presos, processados e condemnados dois bispos que tentaram reagir dignamente contra a prepotencia regalista. E ao passo que assim procedia, deixava o paiz sem liberdade de culto publico, sem casamento civil, sem cemiterios leigos e figurava de comparsa nas pompas cultaes da mesma Igreja.

A sua intervenção na industria limitou-se a systematizar as tentativas burguezocraticas, mediante a concessão de privilegios cuja responsabilidade hoje onera o thezouro da Republica.

Sob qualquer aspecto, em summa, por que se considere o longo reinado do ex-monarcha, que se pretende endeoza, abuzando da geral ignorancia

da historia sul-americana, um juiz imparcial ha de reconhecer que Pedro II esteve por demais inferior á missão que as nossas fatalidades sociaes lhe confiaram.

Não foi, porém, nosso intuito esboçar sequer a triste historia de tão longo reinado. O nosso fim foi apenas dizer quanto bastasse para evitar que as almas verdadeiramente republicanas do Occidente se tornem victimas de uma indigna legenda.

Quanto á França, especialmente á conducta do seu governo, contra a qual protestamos, exige de nossa parte uma declaração.

Nós, os republicanos brasileiros, jámais confuudiremos a grande nação que é a conductora do movimento moderno, com os homens a quem as fatalidades historicas entregaram a sublime missão de seu governo. Para nós, a França será sempre representada pelos vultos incomparaveis daquelles cujos corações em todo tempo resumirão os seus nobres esforços civilisadores. E assim que no momento presente a nossa indignação é tanto maior, quanto sentimos que esta não traduz só o nosso patriotismo. Temos certeza que as almas homericas dos heroicos companheiros dos Danton, dos Condorcet, dos Carnot e dos Hoche protestam connosco contra a attitude de quem, em nome do povo francez, gratuitamente offende a Republica Brasileira.»

— — — — —

O ALMIRANTE (64)

— — — — —

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

— — — — —

CAPITULO XXI

— Temos, então, o apoio do nosso querido almirante—concluiu Hortencia, sorrindo — Contamos com a marinha.

—Lembro á encantadora Hortencia — observou Oscar, com um gesto de censura — que está empregando linguagem revolucionaria. Em todo o caso, póde contar com a marinha para a vida e para a morte.

— Muito bem. Eu e a marqueza vamos esperal-o.

As duas voltaram ao palacio e Oscar subiu ao seu quarto para vestir um terno claro, leve, apropriado áquella excursão matinal, aventura que viéra ao encontro da necessidade de se libertar das preocupações daquella

terrivel noite de vigilia. Elle necessitava de abalo, de movimento, do espectáculo da floresta, caíndo das penedias sobre o mar espadanado em rasgões de espumas nos rochedos ou lambendo a praia, deslizando em collossaes refolhos, uns sobre os outros, avançando, recuando em váe-e-vem incessante das tenues camadas do liquido a ferver sobre a areia ensopada. No triste estado d'alma a que de subito se arrojára, na embriaguez de um momento de delirio, elle sentia o irrepressivel desejo de consultar o mar, o seu grande, o seu formidavel amigo, tanta vez por elle interrogado, quando, em outras latitudes, sob outro céu, lhe propuzera o problema do seu futuro, pedira-lhe inspiração e lhe confiára desalentos, alegrias, decepções, saudades, sandades vagãs, sem objecto definido, talvez dos paes, que não tivera a dita de conhecer, rasgando-lhe no coração um grande espaço vazio que a ternura da marqueza de Uberaba não conseguira encher. Elle confessaria áquella verde mar enfurecido a doce culpa da vespera; atiraria com a confidencia desse crime ao seio mysterioso, os remorsos torturantes; supplicaria o perdão do olvido misericordioso á infinita amplidão do céu e do mar.

A singela historia de Sebastião commovera Oscar, tocado pela sinceridade dolorosa, pelo accento de tristeza da victima de um amor traído, aquella meiga creatura que se escravizára, sem queixume, á servidão cruel de uma inextinguivel, de uma mortificante magua e se submetera ao seu destino adverso, recompensado pela ventura de se sentir perto da mulher amada, respirando o mesmo ar que ella, acalentando a esperança de um encontro fortuito, em que os seus olhos anciosos fruiriam a delicia de vel-a outra vez. Oscar deduzia a sua situação do contracto expressivo entre elle, querido, victorioso e o pobre Sebastião vencido: um, acabrunhado pela victoria, hesitando ante o pomo sazonado, tentando-o pelo perfume empolgante; outro, resignado na decepção da derrota e submettido, sem humilhação, á tyrannia do amor. Sebastião amaria com o ardor, com a ancia do primitivo anhelos a mulher conspurcada pela traição; Oscar vacillava, num enredo de melindres ante a posse da mulher que não hesitára em transpor as barreiras da lei, das convenções despoticas da moral, para ser possuida. E lhe parecia, então, ridiculo oppor á paixão inconsiderada de Dolores a sua virtude de homem, abrigado num egoismo impermeavel. Sebastião, o homem rustico, superior aos preconceitos, era um heróe; elle, homem

culto, homem superior, favorecido pelas preferencias da sorte, era um cobarde. Não, não era possivel — pensava Oscar — varrer do coração um amor, como Sebastião varria as folhas seccas que o impetuoso vento arrebatára das arvores.

— Oscar, Oscar! — bradou a suavissima voz de Hortencia, airoosamente, postada na boléa de um *car á banks* e contendo, de rédeas teusas, uma impaciente parrelha de cavallos alazões — Vamos, antes que es quente o sol.

Pouco depois, elle tomava o logar junto da marqueza, abrigada sob uma umbella de sêda rôxa, matisada de violetas bordadas em relevo; o cocheiro que continha pelo freio os cavallos, galgou de um pulo a boléa, empertigou-se ao lado Hortencia e a carruagem partiu a trote, caminho da Gavêa.

A payzagem deslizava rapida: de um lado, o mar; do outro, a floresta, alchochoando de variegado verde, fôfo, sombrio, as encostas ingremes terminando em penhascos arrôxeados, marcados de grandes listas brancas a lhe escorrerem pelo dorso aspero. E a ponta do Corcovado, cortada a prumo como um colossal signal admirativo, ia mudando de aspecto, declinando em rapida curva até se confundir no contorno da montanha ondulante a perder-se ao longe, no esfumado da manhã resplandescete. Dos flancos da cordilheira se erguiam focos de evaporação da floresta aquecida pelo sol, subindo lentamente, delindo-se rasgados pelos galhos gigantes cos.

A' direita do caminho, a casaria rareava, destacando-se em longos intervalos até ser interrompida pela murada do Jardim Botânico, com as suas avenidas de arvores raras, os seus canteiros, a famosa fila de palmeiras altissimas, tudo disposto numa regularidade monotona, geometrica, meticulosamente tratado, com o seu aspecto de tristonha solidão apparelhada para ser um refugio de sciencia. A' esquerda, a planicie alagada morria na lagôa placida, transparente terminando na facha arenosa marcada das rendas espumantes da rebentação do mar ao longe.

Oscar conversava com a marqueza, que lhe indicava com o fino dedo enlucado os sitios pictorescos, casinhas arruinadas, surgindo dos leques dos bananaes, das copas das lorangeiras floridas, espelhando-se nas aguas numa nitidez photographica. Antigos solares, exhibindo traços da architectura colonial, decadentes, arruinados, transformados pelo industrialismo victorioso em cocheiras de vaccas, em depositos de materiaes de construcção, em olarias. E nos sitios, que fôram latifundios dos antigos abastados, povo-

dores daquellas paragens, as delgadas chaminés açoitando o espaço com o seu negro pennacho de fumaça; as casas de operarios, agrupando-se desordenadamente em torno da usina em embryão, evocavam no cerebro da marqueza a recordação saudosa do núcleo Izabel, a Redemptora, onde se exgottára a sua actividade creadora.

Oscar ouvia attento e commovido as considerações que lhe iam saíndo, lentamente, dos labios sobre o passado, transformado, mutilado pela incursão violenta do trabalho, dominando a natureza soberba, incomparavel, daquelle trecho de suburbio da grande cidade. Ella aspirava com aquellas recordações saudosas a brisa marinha, agitada pela deslocação da carruagem, trazendo um suavissimo perfume de flôr e de mulher, o perfume de Hortencia, excitada pelo esforço da direcção dos ardegos cavallos alazões, as faces aquecidas de um forte rubor, as narinas dilatadas e os olhos brilhantes, attentos, fixados nos accidentes do caminho. Essa emanação de mulher suscitava-lhe a impressão da proximidade de Dolores, abrazada de paixão, desamparando-se vencida e succumbindo fulminada pelo beijo fuwesto; cujo sabor elle sentia ainda nos labios.

Subito, um dos cavallos ergueu-se sacudindo violentamente o freio. O cocheiro fez um movimento para tomar as redeas, mas Hortencia insistiu, quasi de pé na boléa, fustigou o cavallo revoltado com sibilante chicotada. Oscar se erguera tambem para auxiliar-a; ella, porém, murmurou impaciente:

—Deixe-os commigo que os conheço.

—Hortencia — exclamava a marqueza, assustada—Vê o que fazes!

A resposta foi outra chicotada e a carruagem continuou mais rapida.

(Continúa).

PEDRO RABELLO

Para dar uma idéa melhor, exacta, de Pedro Rabello, a proposito da sua morte, já tão sentidamente signalada pela imprensa diaria, destacamos do seu bello livro de contos, publicado em 1895, o que se váe ler sob estas linhas. E', de certo, uma pagina forte, pagina de soberbo talento, onde está, depois de uma vasta payzagem, insculpida, em sensações violentas de brilho, de força fulgurante, uma paixão, um estado d'alma em delirio.

Hão de, pois, ver que a nossa natural saudade é tanto maior quanto se transporta a considerar o tempo em que, tão intensamente trabalhador, foi tão vigoroso o espirito já agóra summariamente apagado.

O nosso collaborador deixou, prompto para composição de prélo, um livro de versos de trezentas paginas.

CÃO!

Sol a pino; esbrazeado, rútilo sol de janeiro. Tangendo a tropa — de volta do mercado longiuquo — o Rufino estacou, de subito, ao subito chamado da tia Rita. E á porta da casinha brauca, dentre os gallhos asperos dos espinheiros, a figura encarquilhada da velha chamava-o de novo:

—Eh lá, Rufino!

—S'a benção, tia Rita!

—Calor damnado, hein?

—Parece que não passa sem chuva...

—Nossa Senhora que mande.

Em roda, pelo matto mirrado e secco, seccas, mirradas arvores se levantavam, avidas, para os céos. E, por entre a relva queimada, ao acaso dos campos, apenas os longos, aridos caminhos de areia refulgiam ao sol. O Rufino demorava-se um pouco, a arredar as mulas para junto dos espinheiros de cêrca; sacudiu o suor, a um rapido passar dos dedos pela testa. E veio, chapéo ao alto, enrolando o cigarro tirado da orelha:

—Forte sempre, hein, tia Rita?

—Não vê! Caco de velha que a maldita nem deixa parar. Marianna já levantou?

—Levantou?! Nossa Senhora que tenha pena della. De já hoje se foi chamar seu doutor Paixão.

—Eh! Ruim assim?

—Ruim de não tirar a cabeça da cama.

Um corvo pairava alto, voando em circulo. E a sombra negra da ave passou, rapida, por sobre a cabeça da velha. Tia Rita franziu as sobran-celhas:

—Vá longe o agouro! Cuidado com ella, hein, Rufino..

—E eu cá que já vou andando p'ra casa...

—Deus que te acompanhe!

O Rufino estalou o chicote no ar. E, sacolejando os jacazes vasio, a tropa embicou pela estrada fustigada do sol. A casinha de tia Rita ficou para traz, muito alva, com os seus ares de eremiterio em meio das roças queimadas — como uma capellinha ao centro de um campo talado pelo incendio, pela devastação e pela morte. Ao longo da

estrada, nem mais sombra humana apparecia. Eram apenas, no ar immovel, folhas immoveis de arvores immoveis. E só de entre duas mangueiras, muito ao longe, num alto, transparecia a casinha do Zé Portuguez — um que, por noites enluaradas, costumava dizer, á guitarra, toda a saudade nóstalgica da sua terra.

De novo, lépido, o latego vibrou, estalando, desenroscando-se no ar. E agóra, para lá da curva distante do caminho, emergia da massa de troncos das amendoeiras despidas a ponta aguda da torre da Matriz. Em frente, tranquilla e pobre, era a casa. E o Rufino apressava a tropa. Do caminho de areia em braza, ao trote das mulas, subia para o ar uma poeira fulgida e fina.

Mas — porque alfin chegassem — o Rufino escancarou a porteira; e, emquanto a uma chicotada mais forte, as mulas trotavam para o telheiro ao fundo — á cata de sombra e de agua — entrou em casa, muito rapido, a indagar do estado de tia Marianna.

—Então, tia Rosa, e a velha?

—Assim.

Immovel, sobre a cama de ferro, no quarto de portas abertas para o ar e para a luz, tia Marianna arfava compassadamente. Os finos braços, amarellecidos e magros, mal lhe sustinham o lençol dobrado por sobre a colcha de chita. Nos olhos vitreos errava-lhe o resto de um amortecido clarão. E tia Marianna movia monotona, machiualmente, a cabeça. Pela porta entreaberta via-se o quarto vizinho. E nelle, junto do oratório illuminado, a Ursula, vinda de fóra, ageitava um galho de flôres de espinheiros aos pés finos e brancos da Senhora da Conceição.

O dr. Paixão viera de quatro leguas mais adeante. E, mal o Tinoco, o irmão da Ursula, lhe fôra dizer que a mãe do Rufino estava, havia oito dias, com uma febre ruim, puzera pé no estribo da egua e atirára-se para a Areia Brauca. A' porta, ao saltar, perguntára logo si lhe não haviam apparecido uns vomitos. E fôra com um ar compungido que elle lhe buscára o pulso, tacteando-o no braço descarnado e emmagrecido da velha.

O Rufino entrou, pé ante pé. E o Tinoco, que andava a rachar lenha por

alli perto, veio tambem, cauteloso, e, logo á porta, depoz no chão a foice afiada para a tarefa. O calor abafava, fóra. No quarto proximo, a um pre-nuncio de vento, as vélas do oratorio estremeciam... Pela alta cruz do Senhor Crucificado—um velho Christo de jacarandá balsamico e forte—subia uma espiral de fumaça pardacenta; e, mal o vento augmentava, a chamma das vélas ia lambe os sangrentos, chagados pés do Senhor.

Tia Marianna movia a cabeça, pausadamente, de um para outro lado. Voltára-se, fincára os pés na cabeceira da cama de ferro. E a pouco e pouco, ia-se-lhe amortecendo o clarão moribundo do olhar. Era como si adormecesse, afinal, depois daquellas tantas, longas noites monotonas de vigilia.

O dr. Paixão fitava-a insistentemente.

Fóra, no espaço, uma nuvem tapára por momentos o sol. Ventava agóra. E de todo o concavo do céu, muito alto, vinha por sobre a terra um ar pezado de desgraça e de morte. Passaros passavam em fuga. Pela estrada adeante, ás bruscas, fortes rajadas do vento, levantavam-se turbilhonando, e iam ás soltas, pelos campos, as folhas seccas das amendoeiras do largo da Matriz. E, subito, relampagos abriam um rapido, largo claro no céu.

O dr. Paixão voltou-se para tia Rosa:

—Mudança de tempo...—fez, baixo.

E com os olhos indicava-lhe a calma brusca de tia Marianna. Mas o calor augmentava, terrivel. O Rufino tinha os olhos presos ao rosto amarellecido da velha. O doutor fizera um signal á Ursula; e ella foi esperal-o perto, no corredor.

—Hum!.. Mudança de tempo.

—repetia tia Rosa.

E abanava a cabeça, com um ar desolado. O doutor levantou-se, ficou um pouco, de pé, em frente á janella, a mirar o horizonte longinquo. Assobiava baixinho. Deu uns passos até o aparador onde o lampeão de kerozene descanzava num tapete vermelho, de lã. E sumiu-se pelo corredor a dentro.

—Ora ali está; já tardava...—observou tia Rosa.—Ali temos nós a chuva.

Grossos, disseminados pingos d'agua caíam agóra por sobre a areia em braza. E, a um relampago mais forte, a casinha do Zé Portuguez—longe, num alto, entré duas manguei-

ras—apparecem num fundo de luz amarella, como num clarão de apothese. Tia Marianna arfava, de novo. Faltava-lhe o ar. Do fundo da casa, escondendo o quer que era, a Ursula veio então, chorosa, para o quarto. E, logo ao chegar, disfarçadamente para que ninguem a visse, tirou de uma dobra da saia a véla benta do Santo Sepulchro.

—Ah! E' a chuva.. Pois mais vale tarde do que nunca.. —sentencion o dr. Paixão, entrando.

O Rufino chegou-se para junto do medico:

—Sen' doutor..

E indicava-lhe tia Marianna, inquieta, na ancia de conservar o ar que lhe ía fugindo:

—Está ruim, não está?

O doutor não respondia. Fitava-o dolorosamente. O Rufino tinha uma coisa a apertar-lhe o coração.

—E agóra? —perguntou.

—Agóra, só Deus!

«Só Deus!» —Ao lado, no quarto vizinho, a figura aureolada do Christo—placido e sereno—refulgia ao clarão das duas vélas do oratorio. O Rufino fitava o rosto de tia Marianna. —«Só Deus!» —A santa imagem do Christo o attraía como para um sagrado refugio de fé. E o Rufino esgneirou-se para o oratorio illuminado.

—Padre nosso, que estâes nos céos..

Caíra de joelhos. E as palavras sagradas da reza burbulhavam-lhe dos labios, tremulas e repetidas. «Sanctificado seja o vosso nome...» E eram *Padre-Nossos* por sobre *Padre-Nossos* —Agóra, só Deus! —«Ave, Maria, cheia de graça...» E vinham-lhe *Ave-Marias* por sobre *Ave-Marias*. «O Senhor é comvosco, bendita sois vós...» As vélas morriam aos pés sangrentos do Senhor.

Mas, no quarto da velha, houve um lugubre ruido estranho. Parecia que todos se haviam levantado a um tempo. E, para logo—ao surdo baque pezado de um corpo—o grito estridulo e doloroso da Ursula estrugiu. O Rufino atirou-se para a cama de Marianna. De mãos postas, agarradas á véla benta do Santo Sepulchro, mal sustida por Tinoco e pela tia Rosa, a velha, esticada num ultimo artanco, punha os dois olhos vitreos fincados no tecto.

O Rufino parou:

—Mãe! —soluçou, num gemido.

—Tenha paciencia, Rufino.

E o doutor consolava-o:

—Tenha paciencia... Tambem a minha mãe um dia morreu..

—Morreu!

Não via mais nada, não ouvia mais nada. Os olhos prenderam-se-lhe ao corpo desfallecido da velha. Vergaram-lhe as perdas. Ria, de um riso

nervoso e tremulo; chorava, de um pranto sem soluços nem lagrimas. Parecia que lhe rebentava a cabeça. E um peso enorme opprimia-o, fazendo-o pender para o chão.

Mas, a um relampago mais forte, a foice do Tinoco luziu, abandonada, num canto. E, do outro lado, no quarto vizinho, as moribundas vélas de cêra finavam-se, tremulas, aos pés sangrentos do Senhor Crucificado. O Rufino voltou-se para o Christo; não tinha um gesto, não tinha uma palavra. Os olhos iam-lhe do crucifixo para o limpido aço da foice; da foice para a imagem sagrada do Senhor.

Cão! — fez, de subito.

A foice luzia, de novo, a um rutilo relampago mais demorado. O Rufino tomou-a de um gesto brusco, e—mal a apertára na mão crispada e tremula—salton, num impeto, do quarto para o oratorio illuminado. Fuzilava-lhe a cólera nos olhos avermelhados e humidos.

E, a um golpe, loira e fina, a benta Virgem da Conceição voou em pedaços. E a outro golpe, a outros, áquelles desencontrados, doidos golpes sacrilegos, piedosas Virgens santas, e sagrados Apostolos, e bentos registros immaculados rodoinhavam no ar.

—Cães!

A imagem do Senhor fitava-o do alto, serena e aureolada. Rufino vibron-lhe a foice, certa e rapida. E eram novos golpes, doidos, repetidos golpes certos. Mas, porque a foice lhe escapasse, a um gesto mais violento, tomou o crucifixo pelos pés. Vibrava-o agóra ás tontas, contra as paredes, contra os moveis, contra os portaes. Tia Rosa, muito pallida, corra para arrancar-lhe a imagem. Mas o Rufino galgára a porta. A chuva caía em torrentes. Rutilos, rapidos relampagos cortavam o ar. E como uma cachoeira enorme, o vendaval descompassado bramia por todo o campo em redor.

—Cão!

O Rufino atiron-se, estrada a fóra. Tia Marianna ficára, de olhos vidrados, muito lirta, ao centro da cama de ferro. E o Tinoco corra a pôr fóra a agua da talha, para não fazer mal. O Rufino subia sempre galgando a arida estrada, através da tormenta. Agóra, revolteava o crucifixo no ar. Vibrava-o de encontro ás cêrcas, rachava-o de encontro ás rochas asperas, partia-o de encontro aos asperos troncos nus. E, do alto—alma doida!—vinham-lhe os soturnos gritos roncos, por entre as sombras da tarde que morria:

—Cão!. Cão!.

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

São estes os premios conferidos pelo Club de xadrez de S. Paulo aos vencedores dos torneios deste anno:

- 1ª Classe — 1º premio: titulo de campeonato do Club no anno de 1906 e medalha de ouro.
- 2º premio: medalha de ouro.
- 2ª Classe — 1º premio: medalha de ouro.
- 2º premio: grande medalha de prata.
- 3ª Classe — 1º premio: medalha de onro.
- 2º premio: pequena medalha de ouro.
- 3º premio: grande medalha de prata.
- 4º premio: medalha de prata.
- 4ª Classe — 1º premio: pequena medalha de ouro.
- 2º premio: grande medalha de prata.
- 3º premio: pequena medalha de prata.
- 5ª Classe — 1º premio: grande medalha de prata.
- 2º premio: medalha de prata.
- 3º premio: pequena medalha de prata.

— Como se vê, é uma abundante distribuição de premios. A organização desse Club é muito interessante e pôde servir de modelo a outros congeneres. O amator, qualquer que seja a sua força, ou sua fraqueza, ahi encontra parceiros. De uma classe a outra ha constantes promoções. A' medida que um jogador de uma classe váe progredindo, coteja o seu jogo com os da classe immediatamente superior e si é capaz de competir com estes, é promovido. Estabelece-se desta sorte uma emulação proveitosa que dá ao Club uma grande vida. Segundo informações que temos, conta o Club actualmente cerca de cem socios.

— Publicamos hoje duas partidas do torneio de 1ª classe. A primeira, jogada entre dois fortes enxadristas é por demais prudente: cada um, ao que parece, não queria sinão empatar. A segunda é interessante pela inesperada derrota das Pretas.

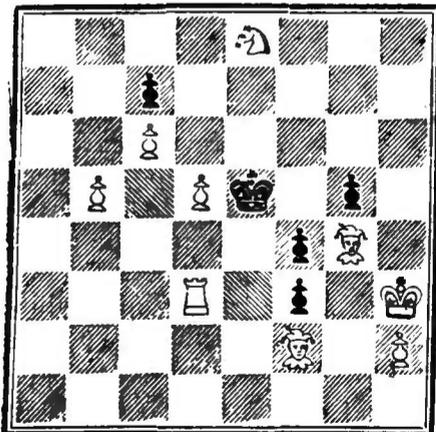
— Recomendamos aos amadores, com todo o empenho, o bello problema em 4 lances que hoje publicamos. Não se assustem com o numero de lances e tentem resolver-o que o conseguirão com alguma perseverança. E vale a pena.

— Teve o melhor acolhimento dos nossos leitores a *Moral do xadrez*, de Benjamin Franklin, que publicamos nos tres numeros anteriores, traduzida pelo notavel enxadrista paulista dr. Mauricio Levy e divulgada pelo Club de xadrez de S. Paulo.

PROBLEMA N. 31

Tacito & Lipman (S. Paulo)

PIEÇAS (5)



BRANCAS (9)

Maté em quatro lances

PARTIDA N. 32

(Jogada no torneio de S. Paulo, 1905)

DEFEZA HUNGARA

Branças	—	Pretas
(Sousa Campos)		(Dimitri Reich)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 2 R
P 4 D	— 4 —	P × P
C × P (a)	— 5 —	C 3 B
C × C	— 6 —	P D × Ç
D × D	— 7 —	B × D
Roque	— 8 —	Roque
C 3 B	— 9 —	B 2 R
B 4 B	— 10 —	B 5 C D
B × P B D (b)	— 11 —	B × C
P × B	— 12 —	C × P
T R 1 R	— 13 —	C × P B D
T 7 R	— 14 —	C 4 D
B × C	— 15 —	P × B
B 6 D	— 16 —	P 3 C D (c)
T 5 R	— 17 —	T 1 D
T × P	— 18 —	B 3 R
T 2 D	— 19 —	T D 1 B D
P 3 T D	— 20 —	B 4 B
T 1 B D	— 21 —	T 3 B
B 4 B	— 22 —	T × T
B × T	— 23 —	B × P
P 3 C	— 24 —	P 4 T D
P 4 T R	— 25 —	P 4 T
R 1 B	— 26 —	P 4 C D
R 1 R	— 27 —	P 5 T
B 4 C	— 28 —	B 5 R
T × T	— 29 —	B × T

empate (d)

(a) Aqui é mais commum o roque; mas, vê-se que as Brancas querem fazer um jogo simples, de trocas, conduzindo á nullidade.

(b) Não parece um excellentes negocio trocar um pião central por um dobrado, ainda tendo que dobrar um pião, que logo depois será sacrificado.

(c) Fraco. Não é fatal a entrega do pião da Dama. Este lance é que a força.

(d) Apesar de um pião a mais as Pretas não pôdem ganhar por causa dos Bispos de cores oppostos, situação classica de nullidade.

**

PARTIDA N. 33

(Jogada no torneio de S. Paulo, 1905)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Branças	—	Pretas
(Dimitri Reich)		(F. Godoy)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P 3 R
C 3 B D	— 3 —	C 3 B R
B 5 C	— 4 —	B 2 R
P 3 R	— 5 —	P 3 C D (a)
B × C	— 6 —	B × B
P × P	— 7 —	P × P
B 3 D	— 8 —	Roque? (b)
D 5 T!	— 9 —	P 3 T R
D × P D	— 10 —	D × D
C × D	— 11 —	B 1 D
C 3 B R	— 12 —	P 3 B D
C 4 B R	— 13 —	B 2 B
Roque T R (c)	— 14 —	B × C
P × B	— 15 —	P 3 B
T R 1 R (d)	— 16 —	B 3 T
B 2 B	— 17 —	B 5 B
C 4 T (e)	— 18 —	C 3 T
C 6 C	— 19 —	C 5 C!
C 7 R x (f)	— 20 —	R 1 T
C 6 C x	— 21 —	R 1 C
B 1 C (g)	— 22 —	T R 1 R
B 4 R (h)	— 23 —	B 6 D
B × B (i)	— 24 —	C × B
T × T x	— 25 —	T × T

P 3 B (j)	— 26 —	C × P
T 1 B D	— 27 —	R 2 B
P 5 B	— 28 —	C 6 D (k)
T 1 D	— 29 —	T 8 R x
T × T	— 30 —	C × T
C 4 B	— 31 —	C 7 B
C 6 R	— 32 —	P 4 T D
R 2 B	— 33 —	R 2 R
R 2 R	— 34 —	P 3 C (l)
P 4 C	— 35 —	P × P
P × P	— 36 —	C 6 T
R 3 D	— 37 —	C 4 C
P 4 T R	— 38 —	C 3 D
C 4 B	— 39 —	C × P
P 5 T	— 40 —	P 4 C
R 3 B	— 41 —	C 5 T
P 5 D	— 42 —	P 4 B D? (m)
C 6 C!	— 43 —	R 3 D (n)
C × C	— 44 —	Abandonam

(a) Este lance é prematuro e pejado de complicações. O correcto seria 5... C D 2 D.

(b) E' a perda certa de um pião, o que só por um descuido as Pretas não viram.

(c) Preferiríamos outra linha de jogo, em que o C D fôsse o 3 B D por 2 R. Haveria a vantagem de manter os piões do centro unidos e fortes com o apoio dos dois cavallos e evitaria o pião dobrado.

(d) Naturalmente para evitar a troca dos bispos que ás Brancas não convinha e que as Pretas forçariam por B 3 T, e ainda para dominar a linha aberta.

(e) E porque não P 3 C D?

(f) Isto é tempo perdido.

(g) Este bispo vem acossado; as Brancas poderiam ter evitado essa vexatoria situação, si tivessem feito o lance indicado na nota e. Agóra não tem coisa melhor. Si 22—C × T, C × B; 23—T R 1 B D, C × T; 24—T × B, R × C; 25—T 1 B, C 6 C; 26—P × C, etc., e agóra são dois piões dobrados; ou então 24... T 1 R; 25—T 1 B, C 7 B; 26—C 6 C, C × P, etc., com a perda de um pião.

(h) Quasi forçado. Si 23—T × T as Brancas perdem pelo menos um pião.

(i) Forçado.

(j) As Brancas entregam o pião para evitar mal maior, que seria a vinda da torre a 5 R.

(k) Defendendo indirectamente o P B D.

(l) Um bom lance que rompe a linha dos piões, mas não seria preferivel trazer logo o rei para o lado da dama?

(m) Lance desastroso! Jogando 42... R 3 D!, a partida das Pretas estaria ganha, parece-nos.

(n) Si 43... C × C; 44—P × C e um dos dois piões váe a D. O jogo do dr. Godoy nesta partida, salvo o erro inicial, adiante resgatado, e a irremediavel falta final, é muito seguro e correcto.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 30 (H. L. Schuld): T 5 C D.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções, dos «Annaes», primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.